

CENTRO UNIVERSITÁRIO NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

LINGUAGEM CORPORAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR

FILOMENA DE CARLO SALERNO FABRIN

SÃO PAULO

2006

FILOMENA DE CARLO SALERNO FABRIN

LINGUAGEM CORPORAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE do Centro Universitário Nove de Julho – Uninove, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Prof. Dr. José J. Queiroz.-Orientador.

SÃO PAULO

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Fabrin, Filomena de Carlo Salerno.

Linguagem corporal e educação escolar / Filomena de Carlo Salerno
Fabrin. 2006
117 f.

Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Nove de Julho, 2006.
Orientador: Prof. Dr. José J. Queiroz

1. Fundamentos da educação. 2. Corporeidade. 3. Linguagem corporal
4. Educação.

CDU : 37

LINGUAGEM CORPORAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Por

FILOMENA DE CARLO SALERNO FABRIN

Dissertação apresentada ao Centro Universitário Nove de Julho – Uninove, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, para obtenção do grau de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora, formada por:

Presidente: Prof. José J. Queiroz, Dr. - Uninove

Membro: Prof^a. Elaine Terezinha Dal Mas Dias, Dra, Uninove

Membro: Prof. Ernesto Jacob Keim, Dr, FURB

Membro: Prof^a. Cleide Rita Silvério de Almeida, Dra, Uninove

São Paulo, 2006

*Ao meu marido Carlos, minha filha Priscila,
meu neto Guilherme, bens preciosos e razão de meu existir.*

O corpo fala mais do que mil palavras.

Weil

Meire, Thania, Prof. Mendes.
Mostraram o caminho para
tornar o sonho realidade.
Meu carinho especial.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. José J. Queiroz, que com paciência, compreensão e sabedoria conduziu-me para o caminho do conhecimento, não me deixando esmorecer diante das dificuldades, que acreditou e acredita em meu potencial.

Aos examinadores da banca de qualificação Prof. Dr. Jacob e Prof^a. Dr^a Elaine pelas observações, críticas construtivas e sugestões importantíssimas para a dissertação.

Aos colegas de turma Elizabeth, LÍlian, Marlene e Yara Melo, pelo companheirismo e troca de experiências nesta jornada.

Aos Professores do Mestrado, que despertaram o desejo adormecido pela busca do conhecimento Prof. Dr. Romão, Prof. Dr. José Luiz, Prof^a Dr^a Cleide, Prof^a Dr^a Isabel, Prof. Dr. Jacob, Prof^a Dr^a Elaine, Prof. Dr. Queiroz.

Ao Prof. Dr Jardilino, que com atitudes pontuais marcou presença significativa nesta caminhada.

Ao Colégio Penha de França que possibilitou as observações em sala de aula, fundamental enriquecimento para a pesquisa.

À Prof^a Solange, companheira do curso de Psicomotricidade, que apontou possibilidades para embasar minha pesquisa.

Aos demais professores que, gentilmente, responderam aos questionários e/ou entrevistas, auxiliando-me a dar significado ao presente trabalho.

À Daniela, Eugênia, Suzy, pessoas especiais, que no momento certo, na hora certa deram informações que foram decisivas para iniciar ou continuar minha trajetória.

Aos meus alunos que também fizeram parte desta história.

Aos meus familiares pela compreensão por minha ausência neste período dedicado ao Mestrado.

Em particular à minha família: Carlos, Priscila, Rodrigo e Guilherme, por vibrarem a cada etapa conquistada e caminharem lado a lado nos momentos de dificuldades. Vencemos mais este desafio. A vocês esta vitória.

A Deus, presença constante em minha vida.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo I – Corpo e Corporeidade.....	15
1.1 – Os desprezadores do corpo. O corpo sob suspeita.....	15
1.2 – A reabilitação do corpo.....	20
1.2.1 – A filosofia redescobre o corpo.....	21
1.2.2 – A biologia e a neurologia.....	24
1.2.3 – A psicologia.....	25
1.2.4 – A antropologia.....	27
1.2.5 – A educação.....	28
Capítulo II – A linguagem em geral e a linguagem corporal.....	33
2.1 – Resgate histórico da linguagem.....	33
2.2 – O que é linguagem.....	39
2.3 – A importância da linguagem para a comunicação.....	40
2.4 – Comunicação verbal e não-verbal e a linguagem corporal.....	43
2.5 – Fundamentos biológicos da corporeidade e da linguagem corporal.....	46
Capítulo III – Linguagem corporal e educação escolar.....	50
3.1- Em busca de experiências.....	50
3.1.1 - O campo pesquisado e os procedimentos adotados.....	50
3.1.2 – Resultados obtidos.....	52
3.1.3 – Da observação de campo.....	52
3.1.4 - Dos questionários e das entrevistas.....	54
3.1.5 – Análise e discussão dos dados.....	59
3.2 - Linguagem corporal e educação escolar. Um caminho a ser construído....	61
3.2.1 – A falta de teorias e de práticas.....	61
3.2.2 – A linguagem corporal e os objetivos gerais da educação.....	62
3.2.3 – O professor usando a linguagem corporal.....	64
3.2.3.1 – Uma nova postura epistemológica.....	64
3.2.3.2 – Entender as vicissitudes da corporeidade.....	67
3.2.3.3 – Perceber o valor da linguagem e da linguagem corporal.....	68
3.2.3.4 – O professor usando a linguagem corporal no ensino.....	69
Conclusão.....	77
Anexos.....	79
Bibliografia.....	114

Introdução

O tema para a pesquisa da dissertação de Mestrado foi sendo construído ao longo das aulas e da pesquisa prévia sobre corporeidade, no primeiro ano do curso de Mestrado em Educação na UNINOVE. A idéia de pesquisar o corpo já vem desde a época do curso de formação em Psicologia.

Há um interesse novo no campo das ciências humanas em torno da corporeidade. Hugo Assmann relaciona corpo e educação em seu livro *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*; Giovanina G. F Olivier enfoca a questão da corporeidade em *Esquema Corporal, Imagem Corporal e Corporeidade*; José J. Queiroz também volta seu olhar para a corporeidade em *Educação Hoje: Tensões e Polaridades*; João Batista Freire aborda esta questão em *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação*.

Também sobre linguagem corporal há uma boa literatura, entre as obras, podemos citar: Julius Fast em seu livro intitulado *Linguagem corporal*; Pierre Guiraud aprofunda o tema em *A Linguagem do corpo*; Vayer & Toulouse somam conhecimentos em *Linguagem Corporal*. Pierre Weil e R. Tompakow escrevem *O Corpo Fala*.

Buscar o novo, uma novidade, uma nova proposta que fosse significativa na área da Educação Escolar é o grande desafio desse trabalho.

Surgiu, então, como idéia embrionária, a questão da linguagem corporal relacionando-a à educação escolar. Sobre este tópico pouco ou nada se tem escrito. Para tanto, é necessário conceituar primeiramente a linguagem geral, passando pela linguagem corporal e promovendo a interação entre a linguagem corporal e a educação escolar.

O foco central da pesquisa é a linguagem corporal relacionada à educação escolar. Não pretendemos trabalhá-lo no âmbito da educação física, nem na psicomotricidade, mas na educação escolar em geral. Por linguagem corporal, objeto desta pesquisa entende-se a linguagem visual, tátil, auditiva, comportamental e afetiva. É esta linguagem que será relacionada com a educação escolar.

Além de aproximar a linguagem corporal e a educação escolar o interesse também é ir a campo para observar em algumas escolas, junto a professores do Ensino Fundamental I, uma possível interação entre linguagem corporal e educação escolar, conforme procedimentos a serem explicitados mais adiante, no capítulo III.

A importância dessa pesquisa se justifica, inicialmente, pela própria definição de linguagem contida no Dicionário Houaiss(2004):

Linguagem: qualquer meio sistemático de comunicar idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. (HOUAISS, 2004:1763)

Linguagem corporal: modo de se mover e de se gesticular próprio de cada pessoa ou animal, usado para intercomunicação com outras pessoas ou animais. (HOUAISS, 2004:1764)

Também nos dizeres de Davis e Oliveira (2000)¹, percebe-se a importância de ir além da linguagem verbal:

Até agora muita ênfase foi dada à importância da linguagem verbal – que se apóia na palavra – para o processo de formação do pensamento lógico e abstrato. No entanto, o pensamento pode fazer uso de outras modalidades de linguagem, diferentes da verbal. Uma dessas modalidades é dada pelo uso de imagens visuais, outra pelos sons, outra pelo tato, outra pelo movimento, etc. Dessa forma, pode-se dizer que não existe uma linguagem única e universal para o pensamento. (DAVIS e OLIVEIRA, 2000:73)

Dada essa importância da linguagem corporal, torna-se relevante relacioná-la com a educação, como se pretende neste trabalho, buscando apontar a importância do corpo na interação das pessoas e como referencial para o mundo que as cercam; resgatar o conceito de corpo desde os primórdios da história onde o corpo era condenado, até os dias atuais onde ocorre uma super-valorização do culto ao corpo físico; mostrar a presença da linguagem corporal como forma de comunicação não-verbal desde nossos antepassados; verificar se há uma preocupação em fazer a leitura corporal na prática pedagógica; sugerir caminhos para a interação da linguagem corporal e a educação escolar.

A principal pergunta deste trabalho é a de saber como a linguagem corporal contribui para a educação escolar. Também indaga-se se esta relação está sendo efetivada. Quais as dificuldades e quais seriam os canais possíveis para que ela aconteça.

Acredita-se que a linguagem corporal tenha significância na educação escolar, como integrante da corporeidade, pois na medida que nos expressamos por meio da linguagem corporal estamos utilizando o corpo como forma de expressão não- verbal.

Essa significância resulta da passagem do corporal ao simbólico na educação, na medida em que a linguagem corporal tem um significado a ser desvendado, revelando muitas vezes mais do que as palavras.

¹ Embora esta obra de Davis e Oliveira (2000) tenha sido elaborada para o Ensino Médio, os conceitos nela trabalhados interessam a nossa pesquisa.

O homem se comunica com o outro homem por meio da linguagem. Sabe-se que a comunicação pode ser verbal (oral e escrita) e não-verbal (gestos, mímicas, olhar, sorriso, postura). A comunicação não-verbal, embora pareça menos valorizada pela sociedade também é significativa no relacionamento interpessoal. É expressa pelo corpo, constituindo-se assim, a linguagem corporal.

Para Davis e Oliveira (2000), é a linguagem que vai diferenciar o homem dos outros animais.

Pode-se, de um lado, afirmar que a linguagem é fator de interação social. É ela que permite a comunicação entre os indivíduos, a troca de informações e de experiências. Neste sentido, a linguagem é, sem dúvida, um fenômeno que diferencia os homens dos animais. Esses últimos só ganham informações através do contato direto com o ambiente. Os seres humanos, no entanto, são capazes de fazer uso da linguagem para se apropriarem das experiências significativas de gerações precedentes. (DAVIS e OLIVEIRA, 2000:71)

Maturana (1999) corrobora com a importância da linguagem entre os seres humanos relacionando-a ao aspecto biológico quando considera que:

A linguagem, sendo um fenômeno que nos envolve como seres vivos e, portanto, um fenômeno biológico que se origina na nossa história evolutiva, consiste num operar recorrente, em coordenações de coordenações consensuais de conduta. (MATURANA, 1999:90)

E ainda coloca que essa comunicação, por meio da linguagem, utiliza um sistema de símbolos universais, para que as pessoas possam se entender mutuamente, quando diz que,

estamos acostumados a considerar a linguagem como sistema de comunicação simbólica, na qual os símbolos são entidades abstratas que nos permitem mover-nos num espaço de discursos flutuante sobre a concretude do viver, ainda que a representem. (MATURANA, 1999:90)

Weil (2004) vem reforçar a relevância da linguagem corporal quando comenta que “pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você”. (WEIL, 2004:7)

E complementando esses pensamentos, abrindo o leque da linguagem para uma abordagem biológica, e indo mais além, ontológica, ressoam as palavras de Maturana para sedimentar a relevância do presente estudo:

Nossa única possibilidade de viver o mundo que queremos viver é submergirmos nas conversações que o constituem, como uma prática social cotidiana, numa contínua co-inspiração ontológica que o traz ao presente. (MATURANA, 1999:91).

O quadro teórico aqui é apenas esboçado porque ele aparecerá em detalhe ao longo dos capítulos.

A revisão bibliográfica é o primeiro procedimento metodológico que será utilizado na presente pesquisa, visando articular os referenciais teóricos relacionados ao nosso objetivo. Será estabelecido um diálogo entre eles, em busca da possível comprovação da interação entre linguagem corporal e educação escolar, objetivo deste estudo.

A verificação em campo será feita com professores do Ensino Fundamental I da rede pública e privada por meio de questionários, entrevistas semi-abertas e observações em sala de aula. A metodologia dessa verificação será apresentada com mais detalhes no capítulo III.

No primeiro capítulo abordaremos o corpo e a corporeidade fazendo um resgate histórico desde a antiguidade até os dias atuais, apontando o desprezo que os grandes filósofos davam ao corpo até a tentativa de reabilitação passando por diversas áreas do conhecimento como a filosofia, a biologia, a neurologia, a psicologia, a antropologia e por último a educação.

No segundo capítulo se faz necessário, primeiramente, buscar definições de linguagem geral, bem como identificar em que época da história da evolução do ser humano há registros do seu surgimento, não esquecendo de apontá-la como importante meio de comunicação para posteriormente passarmos para o que os autores definem como linguagem corporal e sua importância para a prática pedagógica.

Como a literatura específica para aproximar a linguagem corporal e a educação não existe, fomos à campo com o intuito de buscar experiências na expectativa de verificar se alguns professores do Ensino Fundamental I fazem a leitura corporal na sua prática diária. Trata-se apenas de uma sondagem cuja trajetória descreveremos no terceiro capítulo, mostrando as etapas, os resultados e análise de dados.

Capítulo I - Corpo e corporeidade

“Eu” – dizes e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu. (NIETZSCHE, 1987:51)

Neste capítulo, abordaremos várias reflexões sobre o corpo, apresentando inicialmente os pensadores que assumem uma posição negativa com relação ao corpo, para em seguida apontar aqueles que militam pela sua reabilitação.

Nietzsche, filósofo que inaugurou a crítica radical da modernidade, abriu também o caminho para a descoberta e a valorização do corpo. Hoje, na chamada pós-modernidade, o corpo se torna um tema de grande relevância. Mas a caminhada foi e é longa e ainda não se pode dizer que o corpo tenha adquirido o valor que merece.

1.1 - Os desprezadores do corpo. O corpo sob suspeita

Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*, dedica um item especial para aqueles que ele denuncia de “desprezadores do corpo”. Ao longo da história do pensamento ocidental, foram muitos e foram filósofos de grande vulto.

Dentre estes filósofos, destacam-se: Platão, Santo Agostinho e Descartes cujas reflexões serão analisadas a seguir.

Platão, no diálogo *Fédon*, reporta-se a Sócrates para refletir sobre a questão da morte, considerando que ela acarreta uma separação entre corpo e alma. Sócrates dá a entender que há uma diferença no sentido da morte para os homens em geral e para os filósofos.

Os homens não sabem que os verdadeiros filósofos trabalham durante toda sua vida na preparação de sua morte e para estar mortos; por ser assim, seria ridículo que, depois de ter perseguido este único fim, sem descanso, recuassem e tremessem diante da morte. (PLATÃO, 1999:124)

Mesmo Sócrates não clarifica o significado de morte. Questiona que “a morte não significa a separação da alma e do corpo, de maneira que o corpo permaneça isolado em si mesmo de um lado e a alma em si mesma de outro?” (PLATÃO, 1999:125)

Para Sócrates, caberia aos filósofos, mais que qualquer outro homem, desprezar todos os prazeres da carne como comer, beber, os prazeres do amor, os prazeres físicos, pois assim eles purificariam a alma, que é preciso separar do corpo. O corpo físico morre, e a alma permanece. A alma é entendida no sentido de razão, pensamento, inteligência.

O objeto de desejo dos filósofos, de acordo com Sócrates, é a verdade. E a busca pela verdade não pode ser perturbada pela corrupção da alma provocada pelos prazeres da carne, pois, “o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo, e as enfermidades perturbam nossas investigações”. (PLATÃO, 1999:127)

Fica clara a separação do corpo e alma para a Filosofia a partir de Platão. Criou-se a convicção de que o conhecimento perfeito, ou seja, a aproximação da verdade, seria alcançado não no decorrer da vida, mas após a morte. É o que diz Platão:

[...]livres da loucura do corpo, conversaremos, como é correto, com homens que usufruirão a mesma liberdade e conheceremos por nós mesmos a essência das coisas, e talvez a verdade não seja mais do que isso. (PLATÃO, 1999:128)

A alma purificada vai ao encontro dos deuses. Sócrates considera que a “verdadeira virtude é uma purificação de todas as paixões”. (PLATÃO, 1999:131) Coloca ainda que o comedimento, a justiça, a força e a própria sabedoria também são purificações. Reforça que somente os filósofos com a alma purificada é que seriam recebidos pelos deuses. Cebes complementa este pensamento comentando que o sentido que Sócrates deu à alma não será entendido por todos, pois muitos pensam que, quando “o homem morre, a alma é destruída e perece, e que a partir do momento dessa separação, foge do corpo e se dissolve como um vapor que se esvai e não existe em parte alguma” (PLATÃO, 1999:131)

Essa visão platônica sobre o corpo penetrou no Ocidente e impregnou a cultura sobretudo pela influência de Santo Agostinho, o maior teólogo da Alta Idade Média.

Santo Agostinho considera que o homem é dotado de um corpo e uma alma, sendo o corpo exterior, a alma interior e tudo o que acontece com esse corpo é criação de Deus.

Considera ainda que o homem interior, que é a alma, só pode ser conhecido por meio dos sentidos do corpo que ficam registrados na memória que pode ser acessada sempre que se queira ou necessite.

Como integrante desse homem interior está a memória considerada como um palácio, pois, na memória

Se conservam distintas e classificadas todas as sensações que entram isoladamente pela sua porta. Por exemplo: a luz, as cores e as formas dos corpos penetram pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os cheiros, pelo nariz; todos os sabores, pela boca. Enfim, pelo tato entra tudo o que é duro, mole, quente, frio, brando ou áspero, pesado ou leve, tanto extrínseco como intrínseco ao corpo. (SANTO AGOSTINHO, 1996:267)

Para Santo Agostinho, tudo o que o ser humano faz é obra de Deus. Deus criou o homem à sua semelhança para que ele fosse puro, casto, sem pecado, mas o corpo e as tentações da carne, como a luxúria, o sexo, o apego a bens materiais que a ele se apresentam no dia a dia, o tornam impuro e ele se sente culpado por se deixar levar por esses prazeres.

Em suas reflexões, Santo Agostinho manifesta o desejo de se livrar dessas tentações que o atormentam. Estando acordado, esses pensamentos não têm força, mas quando dorme, não tendo controle sobre sua vontade, lhe perturbam.

A ilusão da imagem possui tanto poder na minha alma e na minha carne, que, enquanto durmo, falsos fantasmas me persuadem às ações que, acordado, nem sequer as realidades podem persuadir. (SANTO AGOSTINHO, 1996:287)

Mesmo dormindo com pensamentos castos, o sono trai essa castidade com sonhos eróticos. Por esse motivo, e vivenciando esse conflito, Santo Agostinho clama a Deus pela razão considerando que por meio dela poderá se livrar dessas tentações e conquistar a castidade esperada por Deus.

Outra tentação da carne é a gula, a intemperança, considerada pecaminosa. Comer e beber para satisfazer uma necessidade de alimentação do corpo é saudável, mas ter prazer nessa comida ou bebida Santo Agostinho considera perigoso, pois a busca do prazer leva a carne além do necessário para a saúde e descamba na gula.

Há outros prazeres considerados por Santo Agostinho perigosos como o deleitar-se na fragrância de um perfume, apegar-se à sensação produzida pela harmonia de uma música, a sedução dos olhos advinda da beleza e variedade dos objetos, o brilho e a suavidade das cores, a curiosidade manifestada pelo desejo de conhecer tudo até as coisas vãs e nocivas.

Santo Agostinho considera que os olhos são responsáveis pelos prazeres que os outros órgãos do sentido têm, quando coloca que “apesar do ofício da vista pertencer primariamente aos olhos, contudo, os restantes sentidos usurpam-no por analogia, quando procuram um conhecimento qualquer”. (SANTO AGOSTINHO, 1996:296)

O perigo que Agostinho vê no corpo e nos sentidos é que eles não querem colocar-se humildemente atrás da razão e negam-se a acompanhá-la. Só quando subordinados à razão, merecem ser admitidos. (SANTO AGOSTINHO, 1996:293)

Finalizando suas considerações, Santo Agostinho coloca o orgulho como sendo a última das tentações da carne. Considera que só Deus reina sem orgulho. E com uma súplica, pede a Deus a salvação:

Mas olhai, Senhor! Nós somos o vosso pequenino rebanho! Sede o nosso possuidor! Estendei as vossas asas, para nos refugiarmos debaixo delas. Sede a nossa glória! Fazei que sejamos amados só por amor de Vós, e que a vossa palavra ache em nós acatamento. (SANTO AGOSTINHO, 1996:299)

Muitos séculos depois de Agostinho, no início da modernidade, Descartes introduz o mecanicismo, que tem implicações negativas com relação ao corpo.

Ao analisar o ser humano, considera que existe um corpo que é físico e uma alma que é o pensamento. É a alma que pensa e dá vida ao corpo. E o pensamento é uma das coisas que diferencia o homem dos outros animais. A razão e a fala são outras diferenças significativas.

Quanto à fala exemplifica referindo-se aos papagaios que apenas emitem palavras, mas não podem falar como os homens porque não pensam o que dizem, não raciocinam.

Saindo da Idade Média e ingressando na Modernidade, temos o matemático e filósofo Descartes que considera o corpo a semelhança de uma máquina e busca no funcionamento do aparelho circulatório a explicação para o movimento que dá vida ao corpo. É o sangue que percorre as veias que provoca esse movimento.

Compactua com as idéias de Sócrates e Santo Agostinho no tocante à crença de que a alma é separada do corpo. Buscou na Física mecanicista explicação para o funcionamento do corpo e, na religião, a explicação da alma. O universo é uma grande máquina e o corpo, a exemplo do macrocosmo, é ele também uma máquina perfeita, que é preciso decompor e analisar em cada uma das suas partes. O dualismo cartesiano deu início à visão fragmentada do corpo, que inaugura a fisiologia, a anatomia e a medicina moderna.

No tocante à medicina temos um especialista para cada parte do corpo como se houvesse um funcionamento independente entre elas. Assim temos: alergista, cardiologista, neurologista, ortopedista, otorrinolaringologista, pneumologista, reumatologista, entre outros.

O pensamento de Descartes trouxe um avanço em certo sentido para a compreensão do corpo, mas nota-se agora que está ultrapassado.

A negação do corpo mereceu um amplo enfoque nas obras de Foucault.

Foucault tece críticas interessantes a respeito do corpo. Ele mostra, por meio de um resgate histórico, como o corpo foi submetido ao poder.

Suas reflexões iniciam-se pelo séc. XVII, ao descrever a figura ideal do soldado:

O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe: que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal da honra. (FOUCAULT, 1999:117)

Na segunda metade daquele mesmo século vai mudando essa visão. Não se procurava mais o soldado ideal nos corpos já existentes. Descobriu-se que o soldado poderia ser fabricado de acordo com a crença e a necessidade dos governantes da época. Tudo no corpo do homem poderia ser modificado. O homem tornou-se uma máquina. Foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado.” (FOUCAULT, 1999:117)

O corpo, portanto, passou a ser manipulado para satisfazer o ideal de poder exigido pela época. E Foucault utiliza a expressão “corpos dóceis” para nomear essa manipulação. Considera como dócil aquele corpo “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999:118) e a maneira utilizada para manipular esses corpos, a relação entre docilidade-utilidade é o que Foucault chama de disciplina.

A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) tornando-o uma máquina a serviço do poder. (FOUCAULT, 1999:119)

Para se estabelecer a disciplina é necessário às vezes a existência de uma cerca, um local fechado, onde os corpos possam ser observados, controlados. E como exemplo desse regime “cercado” Foucault (1999) traz os colégios, os quartéis, as fábricas, os hospitais que, de acordo com suas especificidades, controlam o corpo em prol de manter a disciplina.

Foucault retrata ainda como pertencente a essa disciplina a fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna. A fila era utilizada nas classes, outra maneira de disciplinar adotada nos colégios dos jesuítas. As classes podiam comportar até duzentos alunos divididos em grupos de dez alunos. À partir de 1762, há uma modificação na utilização do espaço escolar.

A organização do espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar pois fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, de vigiar, hierarquizar, de recompensar.(FOUCAULT, 1999:126)

No séc. XVIII, a organização em filas era utilizada não só nas classes, mas em outros espaços da escola.

Outra maneira de controlar o corpo, pertencente ao que Foucault chama de disciplina, é referente ao horário. Criou-se horário, que tem que ser cumprido rigorosamente, para tudo, entrada, saída, almoço, oração, banho, etc. nos mais diferentes estabelecimentos, principalmente nas fábricas, para garantir a produtividade.

O tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. (FOUCAULT, 1999:129)

A disciplina, ainda segundo Foucault, que num primeiro momento pode parecer negativa, pois sugere um controle rigoroso do corpo, também pode ser benéfica em alguns casos, como no treino da caligrafia, onde a pessoa tem que seguir um ritual corporal para melhorar a escrita, pois “um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto.” (FOUCAULT, 1999:130)

Foucault coloca que o soldado, no quartel, tem um treinamento rigoroso para ser considerado bom soldado e manter a disciplina, e traça um paralelo com os alunos, considerando que:

O treinamento dos escolares deve ser feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais – sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre, ou ainda aquele pequeno aparelho de madeira que os Irmãos das Escolas Cristãs usavam: era chamado por excelência o “Sinal” e devia significar em sua brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comando e a moral da obediência. (FOUCAULT, 1999:140)

1.2 - A reabilitação do corpo

Na modernidade inaugura-se também um movimento de reabilitação do corpo em várias áreas do saber.

1.2.1 - A filosofia redescobre o corpo

O pensamento filosófico caminha por duas linhas: ora coloca o corpo sob suspeita e o marginaliza, ora o enaltece.

O caminho percorrido por Nietzsche na busca para a revalorização do corpo, suscitar algumas reflexões.

Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, ao criticar os desprezadores do corpo, aponta o caminho para sua revalorização. Inicialmente, coloca o corpo acima da razão: “O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor” (NIETZSCHE, 1987:51)

O filósofo quer dizer que o corpo é um múltiplo no uno e um uno no múltiplo (“multiplicidade com um único sentido” “um rebanho e um pastor”) e implica contradições (“uma guerra e uma paz”) talvez pela dificuldade em se compreender o próprio corpo e aceitá-lo como integrante da mente.

Porque o corpo é a grande razão e o espírito a pequena razão, o espírito torna-se brinquedo do corpo: “Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas “espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão” (NIETZSCHE, 1987:51)

Percebe-se nesta fala, uma reação explícita ao logocentrismo de origem platônica, que enaltecia a superioridade do logos sobre a matéria e o corpo.

Por isso, para Nietzsche, “há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E por que o teu corpo, então, precisaria logo da tua sabedoria?” (NIETZSCHE, 1987:51)

Considera que os adultos deveriam dar mais atenção, considerar e seguir a fala da criança para compreender esse corpo no momento que ela diz: “Eu sou corpo e alma” (NIETZSCHE, 1987:51). A criança, na verdade, coloca corpo e alma como sendo uma coisa só. O adulto é quem dissocia, quem separa o corpo da alma.

Comenta ainda sobre as alegrias, as paixões, o ciúme, ressaltando a grandeza do amor existente entre as pessoas. Já o ciúme nega o amor porque um se apropria do outro e o sentimento de posse se instala “esse é o meu bem” (NIETZSCHE, 1987:53). Há sentimentos que se manifestam corporalmente e que muitas vezes escravizam o corpo, como é o caso do ciúme, que tolhe a liberdade do outro.

Muitas vezes, no amor existente entre duas pessoas surge o sentimento de posse: “eu te amo e você me pertence”. A pessoa amada passa a ser então propriedade do outro, que, em

nome desse amor, controla emocionalmente os passos da pessoa amada, tornando-a prisioneira.

No campo da fenomenologia, um dos grandes reabilitadores do corpo é Merleau-Ponty. Em *Fenomenologia da Percepção* ele contribui para a reabilitação do corpo, colocando-o como a essência do ser no mundo. Falando em primeira pessoa, o autor pontua a importância do corpo, quando diz: “Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo.” (MERLEAU-PONTY, 1999:114)

Segundo Merleau-Ponty (1999) todos os seres vivos só existem a partir do corpo. O corpo é o referencial das pessoas para conviverem no mundo. Essas reflexões ficam claras em suas colocações quando considera que “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. (MERLEAU-PONTY, 1999:122) Sem um corpo não há existência humana. O corpo é o pivô do mundo. A consciência do mundo só acontece por meio do corpo.

Outras reflexões do autor que reforçam a importância do corpo:

Se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é o centro do mundo, o termo não-percebido para o qual todos os objetos voltam sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999:122)

É interessante as ponderações que Merleau-Ponty faz a respeito de observar o próprio corpo. Para ele só podemos fazê-lo olhando-o num espelho.

Meu corpo visual é objeto nas partes distanciadas de minha cabeça, mas, à medida que se aproxima dos olhos, ele se separa dos objetos, arranja no meio deles um quase-espço ao qual eles não têm acesso, e, quando quero preencher este vazio recorrendo à imagem do espelho, ela ainda me remete a um original do corpo que não está ali, entre as coisas, mas do meu lado, aquém de qualquer visão. Malgrado as aparências o mesmo acontece com meu corpo tátil, pois, se posso apalpar com a mão esquerda a minha mão direita que toca: a primeira é um entrelaçamento de ossos, de músculos e de carne largado em um ponto do espaço, e a segunda atravessa o espaço como um foguete para ir revelar o objeto exterior no seu lugar. Embora veja ou toque o mundo, meu corpo não pode no entanto ser visto ou tocado. (MERLEAU-PONTY, 1999:135/136)

Ter um corpo, perceber esse corpo, ter consciência de sua importância para e com o mundo que o cerca é preocupação do autor no decorrer de suas pesquisas, claramente divulgadas no livro *Fenomenologia da Percepção*. Para ele, perceber esse corpo vai além da fisiologia, da constituição de órgãos ou ossos. É reconhecer a função de cada parte que o compõe. É dar ao corpo um sentido que vai além da ocupação de um espaço. Busca na definição de esquema corporal uma aproximação para suas considerações.

Meu corpo inteiro não é para mim uma reunião de órgãos justapostos no espaço. Eu o tenho em uma posse indivisa e sei a posição de cada um de meus membros por um *esquema corporal* em que eles estão envolvidos. Mas a noção de esquema corporal é ambígua, como todas as que surgem nas reviravoltas da ciência. Essas noções só poderiam ser inteiramente desenvolvidas por meio de uma reforma dos métodos. Elas são primeiramente empregadas então em um sentido que não é seu sentido pleno, e é seu desenvolvimento imanente que demole os métodos antigos. Primeiramente, entendia-se por “esquema corporal” um *resumo* de nossa experiência corporal capaz de oferecer um comentário e uma significação à interoceptividade² e à proprioceptividade³ do momento... O esquema corporal devia montar-se pouco a pouco no decorrer da infância e à medida que os conteúdos táteis, cinestésicos e articulares se associassem entre si ou com conteúdos visuais e os evocassem mais facilmente. (MERLEAU-PONTY, 1999: 143/144)

Merleau-Ponty aponta ainda a representação do corpo no espaço e no tempo e a inter-relação que existe do corpo e dos objetos que se encontram ao seu redor salientando que “não se deve dizer que nosso corpo está no espaço nem tampouco que ele está no tempo. Ele habita o espaço e o tempo.” (MERLEAU-PONTY, 1999:193)

O corpo é movimento, é ação, é vida, é “nosso meio geral de ter um mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999/203). Relaciono-me com o mundo por meio do corpo, “ser corpo, é estar atado a um certo mundo”. (MERLEAU-PONTY, 1999:205)

Sartre, um dos grandes pensadores do existencialismo, em sua obra *O Ser e o Nada* considera o corpo como posição central e fundamental para a existência humana. Com essa colocação, opõe-se ao racionalismo cartesiano que acredita que a alma é mais fácil de se conhecer que o corpo. Comenta que o idealismo, por enfatizar as relações espirituais, desprezou o homem. Esse pensar é contraditório na visão de Sartre, pois são os homens que fazem o mundo.

² Relativo à antepositivo, que se antepõe, que está antes, anterior. (HOUAISS, 2004:1636 e 2311)

³ Relativo à propriocepção. Capaz de receber estímulos provenientes dos músculos, dos tendões e de outros tecidos internos. (HOUAISS, 2004:2314)

Ainda, segundo a concepção de Sartre, não há conhecimento puro, mas sim um conhecimento comprometido, que se dá por meio do corpo; é pelo corpo que acontece o comprometimento do ser humano com o mundo. O corpo é a referência que o indivíduo tem com todas as coisas que o cercam. Ele não é apenas a sede dos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar, mas sim o instrumento primordial que direciona as ações de cada ser humano.

Sartre refere-se ao conhecimento de outro ser humano a partir da existência de nosso próprio corpo: “também o outro só o conheço por seu corpo e eu só posso fazê-lo mediante o meu próprio corpo.” (SARTRE, 1999:406)

1.2.2 – A biologia e a neurologia

Até aqui expusemos as vicissitudes do corpo. Agora introduzimos o conceito de corporalidade (expressão usada por Maturana) ou corporeidade (expressão usada por Hugo Assmann).

O que é corporeidade ou corporalidade?

Buscando no dicionário Houaiss o significado da palavra corporalidade temos “mesmo que corporeidade: qualidade, propriedade do que é corpóreo: mesmo que corporal, que tem corpo, material, pertencente ao corpo.” (HOUAISS, 2004:844)

É corpo vivenciado. É o co-habitar, o co-existir num todo integrado da mente e do corpo mencionados anteriormente.

Maturana em seu livro *Emoções e Linguagem na Educação e na Política* aponta dois caminhos para explicar a relevância da corporalidade na relação do indivíduo com o mundo que o cerca. Em um primeiro momento coloca que:

quando tratamos nosso operar cognitivo como a expressão de uma propriedade constitutiva nossa, nosso corpo surge como um instrumento de expressão desta propriedade, e também como um limite para sua expressão. Neste caminho explicativo nos deparamos com nosso corpo e dizemos que ele nos impõe limitações na expressão do nosso ser racional transcendente. (MATURANA, 1999:53)

Analisando a corporalidade pela ótica da biologia, suas reflexões apontam que a corporalidade é parte integrante da constituição do indivíduo e conclui que “o corpo não nos limita, ele nos possibilita.” (MATURANA, 1999:53)

Maturana salienta que o “que está envolvido no aprender é a transformação de nossa corporalidade” (MATURANA, 1999:60). Muitas vezes, segundo ele, não temos clareza dessa constatação. Pensamos a aprendizagem como algo abstrato e que não está relacionado com a corporalidade.

O autor aponta ainda, em suas reflexões, que ocorre uma incorporação do modo de viver das pessoas que convivem em uma sociedade. Essa incorporação pode criar dificuldades quando houver a necessidade de uma mudança. Essas dificuldades são provocadas pelo que Maturana nomeia de “inércia corporal” (MATURANA, 1999:61) e não por causa das limitações do corpo. Considera que “o viver transcorre constitutivamente como uma história de mudanças estruturais na qual se conserva a congruência entre o ser vivo e o meio, e na qual, por conseguinte, o meio muda junto com o organismo que nele está.” (MATURANA, 1999:61)

É importante salientar que o pensamento de Maturana não se restringe somente ao aspecto biológico, suas considerações extrapolam o campo da biologia e adentram o campo da filosofia.

Antonio Damásio, neurocirurgião, escreve em 1994, a obra *O erro de Descartes*, na qual ele aprofunda a interação corpo-cérebro, supera a fragmentação cartesiana e aponta o valor dos sentidos e das emoções até mesmo para a cura de lesões cerebrais. Segundo ele:

A compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo; não só a mente humana tem de passar de um cógitum não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo, que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social. (DAMÁSIO, 1996:282)

1.2.3 – A psicologia

Entre os vários psicólogos que ressaltam a importância do corpo, sobressai Rollo May. No seu livro *O homem a procura de si mesmo* Rollo May enfatiza a importância de se ouvir o corpo, para se detectar o que não vai bem, e descobrir meios de melhorar essa situação e estabelecer um relacionamento mais adequado com as outras pessoas.

Para Rollo May (1972) o conhecimento do corpo é algo tão importante que é por meio da percepção dele que o bebê adquire seu primeiro senso de identidade. “O bebê segura a perninha de vez em quando e, mais cedo ou mais tarde, ocorre a experiência: 'Isto é uma perna. Eu a sinto e ela pertence a mim’” (ROLLO MAY, 1972:87). A manipulação do próprio

corpo, pela criança, era tabu, tempos atrás. O adulto ensinava que o sexo era algo “sujo” e a criança passava a entender que sua auto-imagem era também suja. Ao crescer, essa criança torna-se um adulto mutilado em sua percepção corpórea, incapaz de observar o que sente com relação às partes de seu corpo, braços, pernas, cabeça.

A proposta do autor é vincular o corpo ao Self (eu) na busca do prazer. Prazer em comer, se vestir, descansar, deixar dar vazão aos impulsos sexuais.

Para Rollo May, o Self resulta da construção da personalidade integral na criança. Self é o eu interior da pessoa, o que alguns autores colocam como sendo a alma, a personalidade, a singularidade do sujeito.

Rollo May propõe a existência do “eu” ativo ou do Self atuante, que resulta da união e experimentação do corpo e dos seus prazeres. Não é mais a atitude de quem diz “Meu corpo sente” e sim “Eu sinto” (ROLLO MAY, 1972:89). Aponta que:

a maneira de viver a doença e a saúde nos ajudará a vencer a dicotomia entre corpo e alma que tanto mal tem causado ao homem moderno. Quando se considera, do ponto de vista do Self, os diferentes males físicos, psicológicos e espirituais (o último termo refere-se ao desespero e senso de inutilidade da vida) vê-se que todos são aspectos da mesma dificuldade do Self para encontrar-se a si mesmo neste mundo. (ROLLO MAY, 1972:90/91)

Algumas doenças psicossomáticas são indícios de que o corpo não está bem. É preciso “ouvir” esse corpo, para evitar que ele adoça.

Curioso, mas clinicamente comprovado, que algumas pessoas que adoeceram de moléstias graves, ao mudarem seu estilo de vida, melhoraram tanto física quanto psicologicamente. Esse fato ajuda a entender que a dicotomia entre corpo e alma tanto mal fez e tem feito para a humanidade.

Ter consciência dos próprios sentimentos, saber o que se quer é extremamente importante. Parece simples a princípio, mas numa análise mais profunda é algo muito complexo, e muitas pessoas realmente não sabem o que querem.

É de suma importância conhecer o próprio corpo, ter autoconsciência dele, saber o que acontece com ele, em relação a tudo, desde sua anatomia, gordo ou magro, alto ou baixo, formas bem delineadas, musculosas, até o referente aos sentimentos. A conduta se altera quando se aceita ou não esse corpo como ele é, se se gosta ou não dele, se se sente bem ou não com o que a genética determinou, se se percebe ou não sentimentos que esse corpo desperta. Diz Rollo May:

Para chegar a autoconsciência, a maioria das pessoas precisa começar do princípio, redescobrimo os próprios sentimentos. É surpreendente quantos têm apenas um conhecimento geral do que sentem – dizem sentir-se “muito bem”, ou “péssimo”, com um modo tão vago como se estivessem declarando “A China fica no Oriente”. Seu contato com os próprios sentimentos é tão remoto como se o obtivessem por telefonema à longa distância. Não sentem diretamente, têm apenas idéias de seus sentimentos; não são afetados pelos seus afetos; as emoções não os comovem. (ROLLO MAY, 1972:86)

Mais adiante, ele precisa o que é importante no sentimento:

O mais importante não é o quanto se sente, e certamente não queremos dizer que seja necessária uma verdadeira ebulição; isto é sentimentalismo e não sentimento, afetação e não afeto. O mais importante é sentir que o “eu” ativo é que está sentindo, o que torna direto e imediato o sentimento. Experimenta-se o afeto em todos os níveis do próprio ser. (ROLLO MAY, 1972:86)

O mesmo autor comenta que a consciência do próprio corpo começa a existir no ser humano desde quando ele nasce, e se utiliza de uma colocação de Gardner Murphy para reforçar esse pensamento.

“Podemos chamar ao corpo, segundo o sente a criança, o primeiro âmag do Self”. (Apud ROLLO MAY, 1972:87)

1.2.4 – A antropologia

Foucault descreve na obra *Vigiar e Punir* as várias formas de repressão do corpo. Já em outro trabalho, a *Microfísica do Poder*, aponta os aspectos positivos do corpo. No séc. XVI a figura do rei (corpo) impunha respeito. A simples presença física fazia seu povo se curvar para reverenciá-lo.

O corpo é do sujeito e este tem poder sobre ele, podendo, por meio da ginástica, exercícios físicos, desenvolvimento muscular, nudez, a exaltação do belo, modificá-lo, modelá-lo, expô-lo.

Para Foucault, há uma luta para vencer o preconceito em relação ao corpo. A própria masturbação foi sempre submetida a censura. As pessoas não podem expressar a sexualidade.

A política do corpo no séc. XIX e XX pratica a cultura do belo, do esguio, do “sarado”. Há a erotização do corpo, principalmente do corpo feminino, demonstrando uma preocupação com a estética desse corpo. Foucault acredita que a preocupação maior seria em analisar os efeitos do poder sobre o corpo quando pondera:

Eu me pergunto se, antes de colocar a questão da ideologia, não seria mais materialista estudar a questão do corpo, dos efeitos do poder sobre ele. Pois o que me incomoda nestas análises que privilegiam a ideologia é que sempre se supõe um sujeito humano, cujo modelo foi fornecido pela filosofia clássica, que seria dotado de uma consciência de que o poder viria se apoderar. (FOUCAULT, 1993:148)

O poder segundo Foucault não pode ser analisado de maneira negativa. Analisando o poder por uma outra ótica, percebe-se:

O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. (FOUCAULT, 1993:148/149)

Morin, em seu livro *Sete Saberes necessários à Educação do Futuro* estabelece “[...]uma tríade em circuito entre cérebro/mente/cultura, em que cada um dos termos é necessário ao outro. A mente é o surgimento do cérebro que suscita a cultura, que não existe sem o cérebro” (MORIN, 2000:52/53). Para Morin, “o homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura” (MORIN, 2000:52).

Embora no seu livro *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*, Morin não apresente um estudo específico sobre a Corporeidade, deixa nas entrelinhas a preocupação com o corpo. Diz ele: “Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno”. (MORIN, 2000: 55)

Para o autor, unidade e diversidade perpassam todos os aspectos do complexo humano:

Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. Unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual. (MORIN, 2000:55)

A educação deverá estar atenta a esse princípio em todas as suas esferas.

1.2.5 – A educação

Hugo Assmann tem produzido muitos escritos para justificar porque a corporeidade tem que ser uma referência básica para a educação:

A Corporeidade, e seu vetor historicizante ao nível bio-psico-energético, a motricidade, constituem a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica. Repetindo o já dito anteriormente, a idéia central é a seguinte: a Corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que pervada tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa. (ASSMANN, 1995:106/107)

Ele propõe renovar a teoria pedagógica partindo da corporeidade. Provoca os leitores para juntarem-se a ele nesta caminhada. É preciso ousar para quebrar os paradigmas existentes que colocam o alunado em uma espécie de “cadeia”, com “amarras” firmes em nome da disciplina.

Tece uma crítica aos que reduzem o tema da corporeidade na Educação à psicomotricidade, propõe ir além do espaço a ela concedido alertando a necessidade de unir-se ao debate a respeito da corporeidade na Educação em geral. Não descarta a importância do desenvolvimento da mente, do sujeito consciente, mas discorda dos que apregoam que a mente é mais importante que o corpo. Propõe:

[...] por uma série de razões ligadas à crise conceitual e paradigmática da educação, deveríamos chegar ao acordo de que a Corporalidade é a referência básica para poder falar seriamente de qualquer assunto na ética, na política, na economia e, evidentemente, na educação. (ASSMANN, 1995:111)

Complementa seu pensamento e sua luta: “toda educação, para que corresponda às características biofísicas do ser humano, tem que ser visceralmente *Educação Corporalizada*” (ASSMANN, 1995:113).

O autor não tem dúvida quanto à importância da corporeidade na educação:

A tese aqui defendida é muito exigente. Sustenta que: O corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica. Em outras palavras: somente uma teoria da Corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica. (ASSMANN, 1995:113)

Convida os profissionais de Educação Física para se juntarem a ele na aplicação dessa teoria, ampliando o conhecimento que eles têm para a educação em geral, pois acredita que somente um elo na transdisciplinaridade, o amálgama dos conhecimentos específicos de cada área, pode formular uma teoria da Corporeidade voltada para toda a área da Educação.

Assmann considera que o cérebro humano é um aparelho biológico de competência para agir, perceber, saber, aprender e a mente é a capacidade de consciência e pensamento. A realidade não entra pelos órgãos dos sentidos como algo pronto, mas existe uma decodificação dessa realidade de acordo com as experiências de vida de cada ser humano.

Alerta ainda para o cuidado em não fechar os conceitos sobre o conhecimento do corpo, devido à complexa criatividade dos corpos vivos. Insiste que qualquer conceito sobre Corporeidade esteja sempre aberto a constantes complementações. (cf. ASSMANN, 1995: 68)

Assmann pontua a dificuldade que as pessoas têm em lidar com a questão do corpo, pois, desde a infância, a sociedade impõe um conceito de corpo feito de “linguagens, símbolos e imagens”. Percorre um caminho iniciando pela antiguidade, que numa visão tradicional do corpo considerava-o “jardim fechado”, chegando à modernidade na qual o culto ao corpo torna-se uma febre, na busca do corpo perfeito; resultando em “um corpo humano adequado e conforme” ao moderno consumismo. (ASSMANN, 1995: 72)

A bandeira de reabilitação do corpo, levantada por Assmann, mostra a necessidade – soa até como “um grito na garganta” – de se admitir a Corporeidade como algo fundamental para a vida humana, para o futuro do planeta e para a educação em geral. É preciso ampliar a visão de mundo saindo do abstratismo e buscando aprimorar a Qualidade de Vida. Esta qualidade só se obtém recuperando a vivência da Corporeidade.

A posição valorativa do corpo está demandando novas perspectivas e ações para levá-lo a ocupar o lugar que merece no processo de aprendizagem. Compartilhamos da idéia de que o corpo, como nosso referencial de vida, nosso estar presente no mundo, tem suma relevância no campo da Educação.

Parafraseando Assmann, “em boa ciência, nenhuma resposta deve ser considerada completa”. (ASSMANN, 1995: 85) No caso da Corporeidade, há muito a ser pesquisado, muitos mistérios a serem desvendados, um novo caminho a ser elaborado.

Uma nova visão da corporeidade poderia até transformar o conceito de trabalho, fazendo surgir uma busca pela sociedade do lazer, valorizando o prazer pelo conhecimento e pelas atividades corporais.

O ser humano nasce inábil, carente e prematuro em muitos aspectos e só consegue sobreviver devido à “corporeidade que já vem geneticamente impregnada de extraordinárias capacidades adaptativas que, em boa medida, implicam a aprendizagem de regras comportamentais.” (ASSMANN, 1995: 46)

Se o ser humano for forçado a se enquadrar nas regras rígidas de comportamento, perderá seu potencial humano. Para que isso não ocorra, é necessário decifrar pedagogicamente o paradoxo existente entre as capacidades adaptativas que são geneticamente determinadas e a utilização desse potencial em níveis muito baixos e elementares com base em regras fixas.

Para Assmann, a questão da corporeidade é tão imprescindível para a educação, que visualiza uma ponte entre a motricidade e a educação. Ele não consegue imaginar uma aprendizagem sem a participação corporal quando coloca que:

Toda aprendizagem tem uma inscrição corporal. Não existe mentalização sem corporalização. Por isso, o corpo aprendente é a referência fundante de toda aprendizagem. (ASSMANN, 1995:47)

Finalizando este capítulo, ocorre dizer que a teoria da corporeidade implica em um conhecimento do corpo tanto do ponto de vista filosófico como do antropológico e do biológico. O corpo não se dissocia da mente, pois corpo e mente fazem parte de um conjunto que se inter-relacionam ininterruptamente.

Por que estudar o corpo?

Porque, retomando as palavras de Merleau-Ponty: “Eu só posso compreender a função do corpo vivo realizando-o eu mesmo e na medida em que sou corpo que se levanta em direção ao mundo”. (MERLEAU-PONTY, 1999:90)

O corpo é meu referencial com o mundo. É por meio dele que eu existo e me relaciono com os demais. Para que então dissociá-lo da mente? A mente não existe sem o corpo e o corpo não existe sem a mente. Mente-corpo co-habitam e co-existem num mesmo ser. É o cérebro-mente que comanda os movimentos, as ações, os pensamentos, as emoções do ser humano. O corpo é mais que um conjunto constituído de músculos e ossos. Nele estão marcados signos sociais que expressam a cultura de um povo. Atuar sobre o corpo é atuar sobre a sociedade.

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. O homem é um ser essencialmente corporal.

Por que relacioná-lo com a aprendizagem?

Porque a aprendizagem é um processo inerente na vida do ser humano. Inicia-se ao nascer e o acompanha por toda sua existência. Aprende-se tudo sobre tudo, ler, escrever,

respeitar: normas e regras; a si e ao próximo; o próprio corpo com seus prazeres, possibilidades e limitações; comportar-se... numa lista infindável de possibilidades, depende da necessidade e interesse de cada indivíduo.

Sendo a aprendizagem parte integrante e essencial do desenvolvimento humano, o corpo não só não pode e não deve ficar esquecido desse processo.

Entretanto é necessário reconhecer que o caminho para o resgate pleno de corporeidade no âmbito educacional é longo e está apenas começando. Mas já há bons indicativos:

O fato de já estar em andamento uma desconstrução da visão logocêntrica e uma tomada de consciência do caráter imprescindível da corporeidade, na teoria e na prática pedagógica, já deve ser saudado como um promissor avanço. Resta incentivar a inclusão dessas orientações nos planos pedagógicos e fomentar a criação de experiências pioneiras que traduzam, na prática, aquilo que a teoria já indica como necessidade urgente e inadiável. (J.J.QUEIROZ, 2001:53)

Capítulo II - A linguagem em geral e a linguagem corporal

Antes de entrarmos diretamente no tema linguagem corporal e educação, é importante buscar o conceito de linguagem de um modo geral, colhendo informações nos registros da história de como ela surgiu entre os seres humanos. Esse conceito vai permear o passo seguinte, objeto deste capítulo, que é a linguagem corporal.

Para entendermos o mundo da linguagem faz-se necessário mergulhar numa viagem ao longo do tempo, desde o nosso ancestral mais ilustre, o *australopithecus aferenis*. Compreender as mudanças que ocorreram a partir desse humanóide ao longo do tempo se faz necessário para termos uma visão da origem e da evolução da linguagem entre os humanos.

2.1 - Resgate histórico da linguagem

Reportamo-nos à teoria evolucionista de Darwin, comentada por Bock, Furtado e Teixeira (2001)⁴ para iniciar essa viagem no tempo, resgatando assim um pouco da história da linguagem. Para Darwin, o homem surgiu na face da terra a partir de um antropóide, o *australopithecus aferenis* que tinha características humanóides. E foi por intermédio desse antropóide que a linguagem começou a existir.

A posição ereta deixou as mãos livres para manipular o ambiente, criar instrumentos para satisfação de suas necessidades de sobrevivência e defesa. Um desses instrumentos, um pedaço de pau que segurava com certa agilidade devido ao dedo opositor (polegar) permitia que ele buscasse seu alimento com mais facilidade. Supõe-se que o sistema nervoso desses antropóides era dotado de um suporte mínimo que possibilitava o desenvolvimento da linguagem. Eles viviam em grupos, o que facilitava a comunicação. Essa comunicação era estabelecida por meio de grunhidos e foi evoluindo até chegar ao som com significado que depois se tornou a linguagem corrente.

Bock, Furtado e Teixeira (2001) comentam que passaram-se milhões de anos, até o *australopithecus aferenis* chegar ao *homo neanderthalensis* e o *homo sapiens* primitivo e, conseqüentemente, um certo tempo para sair do grunhido até a linguagem. Nesse processo, o

⁴ Embora o livro de Bock, Furtado e Teixeira, *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia* seja um livro didático, os conceitos nele trabalhados interessam a nossa pesquisa.

antropóide aprendeu a produzir instrumentos de trabalho que é a ferramenta com um objetivo já determinado, já registrado simbolicamente em seu sistema nervoso central, o que coincide com o aparecimento da consciência; produção material e consciência conduzem ao aparecimento da linguagem.

Instrumento de trabalho, aparecimento da consciência, surgimento da linguagem, são três condições primordiais que impulsionam o desenvolvimento humano.

Maturana e Varela (2001) enriquecem esse pensamento e vão mais além nas suas reflexões a respeito do surgimento da linguagem entre os homens. Comentam que os primatas superiores são dotados de uma capacidade lingüística de maneira muito mais ampla que se pode imaginar. Citam a pesquisa de Kellog (1930) e Gardner (1969) realizadas com macacos, que contestam que a linguagem era absoluta e exclusiva do ser humano e muito distante da capacidade de outros animais. Essa definição persistiu durante muitos anos em nossa cultura, sendo considerada um dogma nos parâmetros lingüísticos. Fica muito clara essa visão quando colocam que:

Os estudos sobre as capacidades lingüísticas dos primatas superiores – o gorila também é capaz de aprender a interagir com os signos do Ameslan⁵ – são muito importantes para a compreensão da história lingüística do homem [...] 98% de seu material genético nuclear se superpõe ao humano. (MATURANA e VARELA, 2001:239)

Referindo-se aos hominídeos, linhagem a qual pertencemos, colocam que os traços estruturais essencialmente iguais aos atuais só se consolidaram há cerca de três milhões de anos. Mostram que, além do andar bípede e a posição ereta, outros aspectos são significativos para essa história evolutiva. A fêmea sofreu modificações pois os ciclos estrais⁶ de fertilidade foram substituídos pela menstruação, contribuindo para que a sexualidade feminina se tornasse contínua e não mais sazonal, possibilitando assim a cópula face a face. Os autores chamam a atenção para o ritmo dessas transformações, que ocorreram de maneira lenta e de modo distinto, e complementam que concomitantemente com algum desses períodos ocorreu o aparecimento da linguagem.

Maturana e Varela (2001) mencionam que os primeiros hominídeos viviam em pequenos grupos ou famílias extensas movimentando-se constantemente pela savana. O

⁵ O Ameslan não é uma linguagem fonética e sim “ideográfica” - gestos que representam objetos. (MATURANA e VARELA, 2001:235)

⁶ Relativo à receptividade sexual periódica ou mensal, nos mamíferos e nos primatas em particular. (MATURANA e VARELA, 2001:276)

andar bípede deixava suas mãos livres que eram utilizadas para transportarem os alimentos (sementes duras, nozes, bolotas e ocasionalmente a caça) para o restante dos componentes do grupo, ao contrário de outros animais que eram obrigados a levar o alimento no aparelho digestivo. Foi possível chegar a essa conclusão pela análise dos fósseis desses hominídeos, que demonstravam um convívio social compartilhado no qual o macho e a fêmea eram responsáveis pela alimentação e criação dos filhotes o que também leva a supor o surgimento de um comportamento lingüístico próprio da espécie e do grupo ao qual pertenciam. A linguagem propriamente dita supõe-se ter surgido por meio da reflexão, ou seja, quando as ações sobre o meio visando satisfazer as necessidades desses hominídeos passaram a ser objeto da coordenação comportamental lingüística.

Não podemos deixar de citar novamente Maturana e Varela (2001) para finalizar as reflexões anteriores quando dizem:

Dois ou mais organismos, ao interagir de modo recorrente, geram um acoplamento no qual se envolvem reciprocamente na realização de suas respectivas autopoieses (dinâmica auto-regulativa do vivo. Do grego: auto-poiein = auto fazer-se). Os comportamentos que ocorrem nesses domínios de acoplamentos sociais são comunicativos e podem ser inatos ou adquiridos. (MATURANA e VARELA, 2001: 228/229)

Os autores nos instigam a uma nova proposta para diferenciar a experiência dos primatas com a humana. Colocam que a principal diferenciação talvez não seja pela linguagem e sim pelo espelho, isto é pela auto-imagem. Ao contrário dos humanos, os animais, ao verem sua imagem refletida no espelho “pensam” que se trata de outro animal e não “percebem” que são eles mesmos. Mas isso fica a título somente de curiosidade pois não é pertinente ao presente estudo. Firmemo-nos na idéia primeira de uma diferença básica entre os humanos e os animais, que é a linguagem, na visão de Davis e Oliveira (2000)

Buscar as raízes do surgimento da linguagem vem reforçar o que foi pesquisado quando da viagem através dos tempos para resgatar a história da linguagem. Muito do que for articulado neste item parece repetitivo, mas essa repetição se dá pela interligação dos dois tópicos.

Maturana e Varela (2001) apontam que a linhagem de hominídeos à qual pertencemos tem mais de quinze milhões de anos, mas que foi somente há cerca de três milhões de anos que se consolidaram os traços estruturais essencialmente idênticos aos atuais. Seguindo o raciocínio da história evolutiva dos hominídeos e para caracterizar o surgimento da linguagem, os autores consideram que os primeiros hominídeos viviam em pequenos grupos

ou famílias extensas pela savana. O macho carregava alimentos com as mãos que estavam livres, devido ao seu andar bípede, e levava para o restante da família se alimentar. Como estavam unidos por uma sexualidade permanente, compartilhavam também o cuidado com os filhotes. Todos esses comportamentos de cooperação e coordenação são aprendidos e segundo os autores são os responsáveis pela constituição do âmbito lingüístico.

A origem da linguagem, portanto, refere-se à reflexão sobre esse convívio social para a conservação e sobrevivência da espécie.

Para finalizar essas reflexões reportemo-nos às palavras dos autores:

Essa foi, até onde podemos imaginar, a história da deriva estrutural dos hominídeos que levou ao aparecimento da linguagem. É com essa herança e com essas mesmas características fundamentais que funcionamos hoje em dia, numa deriva estrutural por meio da qual se conservam a socialização e a conduta lingüística acima descritas. (MATURANA e VARELA, 2001:245)

Bock, Furtado e Teixeira (2001) concordam com as colocações acima, e reportam-se também à teoria evolucionista de Darwin comentando que, para chegar à linguagem, o homem teve sua origem a partir de um antropóide, o *australopithecus aferenis*, e uma série de acontecimentos marcantes para a evolução desse antropóide contribuíram para o aparecimento da linguagem. Destacamos os três mais significativos:

1. esse antropóide vivia em grupo (como ocorreu com muitas espécies de macacos);
 2. esse grupo de antropóides tinha dedo opositor, o que permitia a utilização de instrumentos (por exemplo, um pedaço de pau para apanhar alimentos);
 3. o sistema nervoso dispunha de suporte mínimo para o desenvolvimento da linguagem.
- (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001:175)

Ainda em Bock, Furtado e Teixeira (2001), o fato de utilizar um pedaço de pau como instrumento de trabalho, instrumento este com um objetivo determinado, apanhar alimento para sua própria sustentação, e conseqüentemente registrá-lo simbolicamente no sistema nervoso central, colaborou para o surgimento da consciência. Ao dominar o uso desse instrumento de uma maneira consciente, colaborou para o aparecimento da linguagem.

Para representar a relevância da descoberta da linguagem, façamos uso das palavras dos autores acima quando colocam que:

A descoberta de que a vocalização (transformação de um grunhido em som com significado) poderia ser usada na comunicação equivale, nos tempos atuais, à descoberta dos chips eletrônicos. (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001:175)

E ainda, reforçando e concluindo esse resgate histórico da linguagem, utilizamos as palavras dos mesmos autores

O fato é que o instrumento de trabalho induz o aparecimento da consciência (isso ocorre de forma concomitante) e cria as condições para o surgimento da linguagem – três condições que impulsionam o desenvolvimento humano. (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001:175)

A respeito de consciência, Maturana e Varela (2001) contribuem para o entendimento do que é essa condição tão importante para o desenvolvimento do ser humano e que tem relação intrínseca com a linguagem comentando que consciência é a faculdade pela qual damos coerência a essa contínua concatenação de reflexões de acordo com as experiências que vivenciamos no nosso dia-a-dia, condição *sine qua non* que está intimamente ligada à linguagem do ser humano.

Vygotsky (2000) também vai buscar as raízes genéticas do pensamento e da linguagem, enfocando experiências feitas por Koehler, Yerkes e outros, realizadas com macacos antropóides para elucidar o enigma que se criou em torno do surgimento da linguagem.

Com esses experimentos com macacos, Koehler (1921) provou que, embora os animais tenham um intelecto embrionário, o pensamento tal qual o concebemos não está relacionado com a fala. Ele admite um pensamento rudimentar quando os macacos ao construírem e utilizarem instrumentos para sua sobrevivência buscavam alternativas para a solução de seus problemas. Esse pensamento rudimentar Koehler nomeia de fase pré-linguística do pensamento que é acompanhada da ausência da fala, o que vem provar a enorme diferença entre o homem mais primitivo e os antropóides, impossibilitando assim qualquer iniciativa de desenvolvimento cultural do chimpanzé.

Prosseguindo com a análise das experiências com os chimpanzés, Koehler(1921) observou que esse animal é anti-social pois reage de maneira enérgica diante da presença de outros de sua espécie. Nessas observações, descreve várias formas de comportamento entre eles, como expressões faciais, gestos, vocalização que utilizam para se fazerem entender com seus semelhantes, que denominou de comunicação lingüística. (Uma comunicação desprovida da fala e semelhante ao que denominamos aqui, na presente pesquisa, de linguagem corporal).

Como exemplo, Koehler (1921) coloca:

Geralmente, um chimpanzé dará início a um movimento ou ação que deseja que outro animal execute ou compartilhe com ele – por exemplo, irá empurrá-lo e executar os movimentos iniciais de caminhar para “convidar” o outro a segui-lo, ou fará o gesto de agarrar o ar para que o outro lhe ofereça uma banana. Todos esses gestos estão diretamente relacionados à própria ação. Koehler menciona que o experimentador acaba utilizando formas de comunicação elementares basicamente semelhantes, para mostrar aos macacos o que se espera deles. (Apud VYGOTSKY, 2000:43)

Vygotsky (2000) mencionou que as conclusões de Koehler (1921) vêm confirmar as opiniões de Wundt(1900) quando coloca que os gestos de apontar, que é o primeiro estágio do desenvolvimento da fala, não aparecem nos animais e que alguns gestos dos macacos podem ser considerados como uma forma de transição entre os atos de agarrar e de apontar. É justamente essa transição que Vygotsky considera uma aquisição muito importante da expressão afetiva pura em direção à linguagem objetiva semelhante à linguagem humana.

Já Yerkes (1925), segundo Vygotsky (2000), conseguiu inovar nas observações com os macacos colocando: “As reações vocais”, diz ele, “são muito freqüentes e variadas nos chimpanzés jovens, mas a fala no sentido humano não existe” (Apud VYGOTSKY, 2000:45/46)

Com isso, Yerkes (1925) conclui que o aparelho fonador dos chimpanzés é semelhante ao do homem, e seu intelecto o capacita a utilizar sons para a produção da fala mas eles não conseguem imitar sons. Sua mímica copia apenas as ações de seus semelhantes. Concorde que a ausência da fala é que os fazem diferentes dos seres humanos. Mas seus estudos observam também que a linguagem não depende necessariamente do som e lembra muito oportunamente a linguagem dos surdos-mudos e a leitura labial que nada mais é que interpretação de movimentos. Vai mais além nas suas lembranças referindo-se aos povos primitivos nos quais os gestos tinham papel fundamental na linguagem associados ao som.

Todos esses experimentos vêm provar e comprovar que as funções da fala estão geneticamente ligadas aos sinais visuais e vocais emitidos pelos chefes dos grupos de animais.

Vygotsky (2000), ao analisar as pesquisas sobre a linguagem e o intelecto dos macacos antropóides, teve a intenção de esclarecer a relação entre o pensamento e a fala de acordo com uma análise filogenética (história evolutiva de uma espécie HOUAISS, 2004:1344) do desenvolvimento, donde ele concluiu que:

- 1- O pensamento e a fala têm raízes genéticas diferentes.
- 2- As duas funções se desenvolvem ao longo de trajetórias diferentes e independentes.
- 3- Não há qualquer relação clara entre elas.
- 4- Os antropóides apresentam um intelecto um tanto parecido com o do homem, *em certos aspectos* (o uso embrionário de instrumentos), e uma linguagem bastante

semelhante á do homem, *em aspectos totalmente diferentes* (o aspecto fonético da sua fala, sua função de descarga emocional, o início de uma função social).

5- A estreita correspondência entre o pensamento e a fala, característica do homem, não existe nos antropóides.

6- Na filogenia do pensamento e da fala, pode-se distinguir claramente uma fase pré-linguística no desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual do desenvolvimento da fala. (VYGOTSKY, 2000:51)

Pensando de acordo com os aspectos ontogenéticos (desenvolvimento de um indivíduo desde a concepção até a idade adulta HOUAISS, 2004:2067), para Vygotsky (2000), a relação entre o pensamento e a fala apresenta duas raízes genéticas diferentes. Uma relacionada a uma fase pré-linguística do pensamento e a outra a uma fase pré-intelectual da fala. Mas, de alguma maneira e em algum momento do desenvolvimento, o pensamento se torna verbal e a fala racional.

Mencionamos Buehler (1927) para finalizar todas essas análises com os dizeres:

Costumava-se dizer que a fala era o princípio da hominização (Menschwerden); talvez sim, mas antes da fala há o pensamento associado à utilização de instrumentos, isto é, a compreensão das relações mecânicas; ou, em resumo, antes do aparecimento da fala a ação se torna subjetivamente significativa – em outras palavras, conscientemente intencional. (Apud VYGOTSKY, 2000:52)

2.2 - O que é linguagem

Para entender o que é linguagem, recorreremos à definição que consta no Dicionário Houaiss:

Linguagem: qualquer meio sistemático de comunicar idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. (HOUAISS, 2004:1763)

Linguagem corporal: modo de se mover e de se gesticular próprio de cada pessoa ou animal, usado para intercomunicação com outras pessoas ou animais. (HOUAISS, 2004:1764)

Bock, Furtado e Teixeira (2001) fazem uma referência ao significado da linguagem segundo o psicólogo Aléxis Leontiev (1978), colocando que a “linguagem é o elemento concreto que permite ao homem ter consciência das coisas”. (Apud BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001:175)

Davis e Oliveira (2000) complementam essa definição abordando:

A linguagem é fator de interação social. É ela que permite a comunicação entre os indivíduos, a troca de informações e de experiências. Neste sentido, a linguagem é, sem dúvida, um fenômeno que diferencia os homens dos animais. Esses últimos só ganham informações através do contato direto com o ambiente. Os seres humanos, no entanto, são capazes de fazer uso da linguagem para se apropriarem das experiências significativas de gerações precedentes. (DAVIS e OLIVEIRA, 2000:71)

2.3 - A importância da linguagem para a comunicação

Para caracterizarmos a importância da linguagem para a comunicação, primeiramente temos que definir o que é comunicação. Busquemos novamente os dizeres do Dicionário Houaiss (2004):

Comunicação: ato ou efeito de comunicar(-se), ação de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra mensagem como resposta [...] processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagem entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual as informações transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão, etc) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, são codificados na fonte e decodificados no destino com o uso de sistemas convencionados de signos⁷ ou símbolos sonoros, escritos, iconográficos, gestuais, etc.(HOUAISS, 2004:781)

Davis e Oliveira (2000) argumentam que a linguagem tem duas importantes funções: a primeira delas é permitir a comunicação, é transmitir as informações que são produzidas ao longo dos séculos da existência do ser humano como um processo de interação de uma prática histórico-social e, conseqüentemente, possibilitar a assimilação de uma infinidade de conhecimentos que resultam do convívio do ser humano com o outro ser humano, descaracterizando a atividade individual isolada.

A segunda função, tão importante quanto a primeira, é que a linguagem é responsável pela organização, articulação e orientação do pensamento.

As autoras exemplificam essas funções observando a criança quando começa por meio de palavras isoladas ou combinações de palavras a designar objetos e eventos do mundo exterior. Com essa atitude, a criança está discriminando esses objetos, está atenta às suas características, podendo ainda guardá-las na memória, para serem utilizadas posteriormente sempre que necessário. A memória permite à criança libertar-se do imediatismo, podendo

⁷ Relativo a sinal indicativo; indício, marca, símbolo [...]um conjunto de sons (palavras) designando coisas do mundo físico ou psíquico, etc. (HOUAISS, 2004:2569)

com o auxílio da linguagem relembrar situações já vivenciadas e prever situações que acontecerão no futuro, por meio das suposições, das hipóteses, da abstração, que são importantes para o raciocínio. O fato de se distanciar do aqui-e-agora por intermédio da linguagem permite o aparecimento da imaginação e do ato criativo, que fazem parte da constituição do ser humano.

Vygotsky (2000) em suas pesquisas aborda de maneira peculiar a linguagem ligada ao pensamento. Ele não concebe uma separação entre pensamento e linguagem, nem define esses dois conceitos de maneira isolada, pois pensamento e linguagem estão intrinsecamente ligados.

Comenta a dificuldade da própria psicologia em definir o que é pensamento e o que é linguagem, pois não investigou o assunto de maneira sistemática e detalhada. É o que ele tenta fazer e busca por intermédio de outros autores como Piaget, Bergson, Watson, Koehler, Yerkes fazer uma análise crítica do que pesquisaram sobre o assunto, por volta de 1920. Tentaremos articular essas idéias com o intuito de esclarecer e complementar o que até agora foi pesquisado sobre o aparecimento da linguagem.

Vygotsky (2000) concorda que a fala humana se originou da necessidade de intercâmbio durante o trabalho e aí lembramo-nos do antropóide que transformou o instrumento (pedaço de pau) em instrumento de trabalho.

A psicologia, para ele, tratou o assunto de uma maneira muito simplista quando partiu da hipótese de que o meio de comunicação era o signo (a palavra ou o som) e que o som, desde que realizado por meio de uma ocorrência simultânea, podia ser associado ao conteúdo de qualquer experiência, ocasionando assim a transmissão do mesmo conteúdo a outros seres humanos, dando origem ao processo de comunicação entre a humanidade.

Ele faz também um paralelo entre a lingüística tradicional e a moderna; a primeira considera o som como um elemento independente da fala, analisando-o isoladamente, e a segunda utiliza o fonema, que é considerado a menor unidade indivisível que afeta o significado distinto de outros sons. É o fonema que caracteriza a fala humana.

Piaget utiliza-se das palavras de Rousseau “uma criança não é um adulto em miniatura, assim como a sua mente não é a mente de um adulto em escala menor”. (Apud VYGOTSKY, 2000:12) para demonstrar que a criança tem comportamentos característicos em cada fase de seu desenvolvimento. Ele comprovou por meio de suas experiências que a diferença entre o pensamento infantil e o pensamento adulto ocorre de maneira mais qualitativa do que quantitativa, baseando-se naquilo que as crianças têm no pensamento e não aquilo que lhes falta.

O que vai caracterizar o pensamento das crianças é o que ele denomina de egocentrismo infantil. “Ele descreve o egocentrismo como ocupando uma posição genética, estrutural e funcionalmente intermediária entre o pensamento autístico e o pensamento dirigido.” (Apud VYGOTSKY, 2000:14)

Vygotsky (2000) observa uma semelhança no que Piaget coloca como fala egocêntrica e egocentrismo infantil. Aqui, servimo-nos das palavras de Piaget para retratar a explicação do que é egocentrismo infantil e fundamentar a importância da linguagem corporal que será abordado mais profundamente no item seguinte.

Em primeiro lugar, as crianças com menos de sete ou oito anos não mantêm uma vida social estável; em segundo lugar, a verdadeira linguagem social da criança, isto é, a linguagem que ela utiliza em sua atividade fundamental – o brinquedo – é uma linguagem de gestos, movimentos e mímica, tanto quanto de palavras. (PIAGET, 1923:56 apud VYGOTSKY, 2000:19)

A respeito da fala egocêntrica, Piaget coloca que não se trata da criança falar sozinha, sem ninguém por perto, e sim, falar na presença das outras crianças e normalmente as outras pessoas não conseguem entender o que a criança fala. A fala egocêntrica não se trata de sussurros da criança, nem de falar coisas que não se pode ouvir. Sob o ponto de vista da própria criança, esta fala não se caracteriza em fala social, pois ela não é compartilhada com outras crianças.

Segundo Davis e Oliveira (2000), a linguagem ocupa papel central no processo de regulação do comportamento humano, pois na “base do comportamento voluntário encontra-se sempre a palavra, ainda que não manifesta, evocando eventos passados e regulando ações futuras.” (DAVIS e OLIVEIRA, 2000:73)

Maturana e Varela (2001) fazem uma referência interessante sobre as palavras e a comunicação quando dizem que:

Sabemos que as palavras são ações, e não coisas que passam daqui para ali. É nossa história de interações recorrentes que nos permite um efetivo acoplamento estrutural interpessoal. Permite-nos também descobrir que compartilhamos um mundo que especificamos em conjunto, por meio de nossas ações. Isso é tão evidente que é literalmente invisível para nós. Só quando nosso acoplamento estrutural fracassa em alguma dimensão do nosso existir, refletimos e nos damos conta de até que ponto a trama de nossas coordenações comportamentais na manipulação de nosso mundo – e a comunicação – são inseparáveis de nossa experiência. (MATURANA e VARELA, 2001:255)

2.4 - Comunicação verbal e não-verbal e a linguagem corporal

Já definimos o que é linguagem, o que é comunicação. Salientamos a importância da linguagem para a comunicação. Agora precisamos especificar e conceituar os tipos de comunicação.

A comunicação é dividida em duas vertentes: comunicação verbal e comunicação não-verbal.

A comunicação verbal é a praticada por meio da oralidade (fala) e a escrita, ou seja, é pela fala e pela escrita que interagimos com o outro ser humano.

Já a não verbal compreende: o olhar, o sorriso, a postura, o tom de voz, os gestos e os movimentos corporais.

Reportemo-nos novamente à comunicação. Bock, Furtado e Teixeira (2001), definem comunicação como: “um processo que envolve codificação (formação de um sistema de códigos) e decodificação (a forma de procurar entender a codificação) de mensagens.” (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001:136) Forma-se assim o esquema básico da comunicação, onde temos : o transmissor, a pessoa que codifica a mensagem; o receptor que a decodifica e a própria mensagem que é transmitida com a utilização de códigos comuns às pessoas envolvidas na comunicação.

É fácil entender esse mecanismo da comunicação, fazendo uso e exemplificando por meio da comunicação verbal, mais especificamente a comunicação oral, pois é a mais usada para duas ou mais pessoas se comunicarem.

Mas para que a mensagem seja compreendida pelo receptor depende de como cada indivíduo organiza essa mensagem. Nem sempre o receptor entende na íntegra o que o transmissor quis comunicar. Como exemplo temos o telefone sem fio. Trata-se de uma brincadeira, onde em um grupo de pessoas, a primeira fala uma frase no ouvido da segunda e essa a passa para a terceira e assim sucessivamente até a frase retornar à primeira. Normalmente, verifica-se que a frase final não corresponde à inicial, demonstrando que cada ser humano interpreta à sua maneira o que ouve e passa a informação de acordo com o que ouviu.

Para se entender a comunicação verbal, não podemos descartar a comunicação não-verbal, pois uma faz parte integrante da outra. Mesmo quando estamos falando, gesticulamos, balbuciamos, ficamos vermelhos, olhamos fixamente para as pessoas, desviamos o olhar, etc, e o que são esses “sinais” senão a linguagem corporal?

Bock, Furtado e Teixeira (2001) reforçam estas considerações, quando comentam que a “comunicação não é constituída apenas de código verbal. Também utilizamos para a comunicação expressões de rosto, gestos, movimentos, desenhos, sinais.” (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001:136)

Indo mais fundo na linguagem corporal, vale indicar um texto de Piaget, citado por Vygotsky, mencionado anteriormente e que cabe ressaltar

Em primeiro lugar, as crianças com menos de sete ou oito anos não mantêm uma vida social estável; em segundo lugar a verdadeira linguagem social da criança, isto é, a linguagem que ela utiliza em sua atividade fundamental – o brincar – é, uma linguagem de gestos, movimentos e mímica, tanto quanto de palavras. (PIAGET, 1923:56, apud VYGOTSKY, 2000:19)

Piaget já observa neste texto que a criança tem uma linguagem corporal que ela exerce sobretudo ao brincar: gestos, movimentos, mímica.

Espera-se que a criança aos dois anos de idade tenha um tal padrão de fala que um adulto, que não faça parte de seu convívio diário, a entenda e possa satisfazer suas necessidades e estabelecer com ela, porque não dizer, um diálogo.

A fala acima citada, refere-se à linguagem articulada, na qual, por meio do aparelho fonador, emitimos sons com significados e articulamos, assim, as palavras.

E em que idade espera-se que a criança desenvolva sua linguagem corporal?

Pode-se considerar que essa linguagem corporal existe desde o nascimento do ser humano. O recém-nascido manifesta desconforto ou alegria, por meio de expressões corporais. A mãe percebe quando é hora de trocá-lo ou alimentá-lo quando ele chora. O bebê contorce o corpo ao demonstrar dor. Estas manifestações corporais constituem um meio e comunicação entre mãe-bebê.

As reflexões acima encontram apoio na fala de Wallon (1996) mencionada por Nascimento (2003)

Se no útero materno a satisfação das necessidades alimentares ou posturais era automática, no período pós-nascimento, as sensações internas de desconforto revelam-se por meio de movimentos reflexos. As respostas do meio a essas manifestações permitirão que o bebê estabeleça relações entre suas manifestações impulsivas e as ações do adulto, o que Wallon denomina de reações úteis. (WALLON apud NASCIMENTO, 2003:50)

A idéia de que a linguagem corporal acompanha o bebê desde seu nascimento percebe-se também no pensamento de Vygotsky (2000) quando faz menção sobre a origem do pensamento e da linguagem na criança. Ele diz:

As raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento da criança são há muito conhecidas. O balbucio e o choro da criança, mesmo suas primeiras palavras, são claramente estágios do desenvolvimento da fala que não tem relação com a evolução do pensamento. Essas manifestações geralmente tem sido consideradas como uma forma de comportamento predominantemente emocional. (VYGOTSKY, 2000:52)

Vygotsky (2000), ao realizar seus estudos sobre pensamento e linguagem, encontrou outros autores que compartilham com suas idéias. Entre eles, destacou os dizeres de Charlotte Buehler (1927):

Pesquisas recentes acerca das primeiras formas de pensamento da criança e das suas primeiras reações à voz humana (realizadas por Charlotte Buehler e seu grupo) mostraram que a função social da fala já é aparente durante o primeiro ano, isto é, na fase pré-intelectual do desenvolvimento da fala. Reações bastante definidas à voz humana foram observadas já no início da terceira semana de vida, e a primeira reação especificamente social à voz, durante o segundo mês. Essas investigações também demonstraram que as risadas, os sons inarticulados, os movimentos etc., são meios de contato social a partir dos primeiros meses de vida da criança. (Apud VYGOTSKY, 2000:52)

As risadas, os sons inarticulados, os movimentos que são mencionados nas observações de Vygotsky com os bebês recém-nascidos, bem como as manifestações corporais citadas por Wallon representam o que denomino de linguagem corporal.

Um autor que sugere uma interpretação para os gestos é Weil. Ele considera que é interessante observar duas pessoas conversando; levando-se em consideração a linguagem corporal, parece que uma está imitando a outra como se fosse se olhando num espelho. Uma copia quase que inconscientemente o gesto que a outra está expressando. Numa conversa descontraída entre duas pessoas, uma delas passa a mão no cabelo, a outra repete esse gesto, sem percebê-lo, segundo Weil (2004). Quando isso ocorre, dizemos que há empatia entre elas, uma empatia natural.

Weil (2004), em seu livro *O Corpo Fala*, coloca que cada gesto tem um significado que revela um pouco da personalidade do indivíduo. Ao observar a linguagem corporal, percebemos os anseios, as necessidades, angústias, satisfações, intenções das pessoas com quem interagimos no nosso dia-a-dia. Imaginemos uma pessoa, que está procurando emprego,

indo para entrevista. Diante do entrevistador, esfrega as mãos constantemente. Para Weil (2004) essa atitude é um sinal de ansiedade.

O corpo tem uma linguagem própria. Pode mostrar que o indivíduo está bem, com saúde e vitalidade. Pode dar pistas para perceber que ele pode adoecer ou que já esteja doente. Por meio do corpo, expressamos nossas emoções, alegria, tristeza, preocupação, ansiedade. Por meio das narinas, é que inspiramos o oxigênio tão vital à nossa existência.

O estresse revela o “corpo doente”; para evitá-lo, é necessário conhecer o próprio corpo e lidar com os seus limites buscando elevar o índice de qualidade de vida.

Com suas reflexões, Weil (2004) destaca a importância de uma leitura corporal no convívio social. Suas colocações somam-se à de outros autores mencionados anteriormente, corroborando com a relevância da linguagem corporal como elemento essencial para a educação.

2.5 – Fundamentos biológicos da corporeidade e da linguagem corporal

Maturana e Varela (2001) procuram descrever o que ocorre com o ser humano valendo-se da explicação da origem de todo ser vivo. Percorreram um longo caminho passando

pela autopoiese celular, a organização dos metacelulares e seus domínios comportamentais, a clausura operacional do sistema nervoso, os domínios lingüísticos e a linguagem mostrando assim como surgem os fenômenos próprios dos seres vivos concluindo que os fenômenos sociais – fundamentados num acoplamento⁸ lingüístico – dão origem à linguagem. (MATURANA e VARELA, 2001:261)

Suas pesquisas mostraram que tudo o que ocorre com o ser humano está fundamentado em nossa história biológica e social. Que a vida obedece a um ciclo, o começo é o fim.

Essas reflexões dos autores mostram que tudo o que ocorre ao nosso redor é muito relativo, não podemos nos prender a objetividade nem a subjetividade extremas. Nosso convívio com o outro é uma linha tênue entre esses dois pólos: a objetividade e a subjetividade. Percebe-se esse pensamento quando os autores colocam que: “O mundo que

⁸ Ação ou efeito de acoplar(-se); união ou ligação entre dois ou mais corpos formando um único conjunto. (HOUAISS, 2004:64)

produzimos em nosso ser com os outros, será precisamente essa mistura de regularidade e mutabilidade” (MATURANA e VARELA, 2001:263).

Para eles, sair deste círculo é “saltar fora do nosso domínio cognitivo, é mudar a natureza do cérebro, modificar a natureza da linguagem e alterar a natureza do porvir, ou seja, a natureza da natureza” (MATURANA e VARELA, 2001:263/264).

Colocam ainda que tudo o que ocorre com o ser humano não tem uma explicação apenas biológica. Lembro que, para eles, como já citado anteriormente, o biológico só existe intimamente ligado com o social. Comentam que os valores, as tonalidades das cores, nossa visão de mundo e de nós mesmos, entre outras coisas, não têm uma explicação somente biológica. Introduzem o aspecto cultural influenciando a vida do ser humano. E as diferenças culturais podem, às vezes, conduzir-nos àquilo que eles chamam de “pontos cegos” cognitivos (MATURANA e VARELA, 2001:264). Não vemos que não vemos, não percebemos que ignoramos. Somente quando nos deparamos com um meio cultural diferente e por meio da reflexão, percebemos que uma questão não nos parece tão óbvia assim. Esses pontos cegos são continuamente renovados.

De nossa herança biológica comum temos os fundamentos de um mundo comum. De nossas heranças lingüísticas diferentes surgem todas as diferenças de mundos culturais, que como homens podemos viver e que, dentro dos limites biológicos, podem ser tão diversas quanto se queira. (MATURANA e VARELA, 2001:265)

E para reforçar essa colocação pontuam:

O conhecimento do conhecimento obriga. Obriga-nos a assumir uma atitude de permanente vigília contra a tentação da certeza, a reconhecer que nossas certezas não são provas da verdade, como se o mundo que cada um vê fosse o mundo e não um mundo que construímos juntamente com os outros. Ele nos obriga, porque ao saber que sabemos não podemos negar que sabemos. (MATURANA e VARELA, 2001:267)

O que os autores querem dizer com as colocações acima é que embora fizeram todo um percurso para explicar como surge o conhecimento, eles próprios não tem plena certeza de suas conclusões. É preciso fugir das certezas absolutas porque não nos permitem buscar novas explicações. Certezas que excluem totalmente a possibilidade de erro seriam a estagnação do próprio conhecimento.

A tentativa de buscar uma explicação biológica, ou melhor dizendo, a fundamentação biológica para as questões da corporalidade e conseqüentemente da linguagem corporal, leva a perceber a relatividade dos nossos conhecimentos.

Maturana e Varela (2001) deixam margem para questionamentos de suas reflexões quando colocam que mesmo buscando explicações de suas observações na biologia, podem não estarem certos. Outras ciências podem explicar os mesmos conceitos.

Considerar que tudo que se refere ao ser humano é muito relativo também está presente quando eles colocam que no relacionamento humano devemos ver o outro como um igual. E ver o outro como um igual constitui um ato que habitualmente é chamado de amor.

Além do mais, tudo isso nos permite perceber que o amor ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro junto a nós na convivência, é o fundamento biológico⁹ do fenômeno social. Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. (MATURANA e VARELA, 2001:269)

Negar esse amor como fundamento biológico do processo social seria negar todo conhecimento da evolução do ser humano desde suas origens.

Descartar o amor como fundamento biológico do social bem como as implicações éticas dessa dinâmica, seria desconhecer tudo o que nossa história de seres vivos de mais de três bilhões e meio de anos nos diz e nos legou. (MATURANA e VARELA, 2001:269/ 270)

Destacar as colocações que os autores fazem à respeito do amor, um conceito aparentemente tão corriqueiro, é relevante porque muitas vezes não percebemos que esse amor, que é fundamento biológico do social, manifesta-se muito mais pela linguagem do corpo, pelo gesto e pelo olhar, do que por palavras.

Baseando-nos nas conclusões destes autores, entendemos que tanto a corporeidade como a linguagem corporal, que fazem parte da constituição do ser humano, se encaixam nesta visão biológica e nela têm seu fundamento. A linguagem corporal surge na inter-relação dos aspectos biológicos e sociais de cada cultura.

Feita essa viagem ao longo do tempo, para entender como o corpo era percebido culturalmente por vários séculos e entendendo que ele tem uma linguagem própria que pode ser interpretada, procuraremos no próximo capítulo relacionar a linguagem corporal à educação na tentativa de sensibilizar os educadores a, num primeiro momento, entender seu

⁹ Para Maturana e Varela, a vida é um processo de conhecimento: assim, se o objetivo é compreendê-la, é necessário entender como os seres vivos conhecem o mundo. É o que os autores chamam de biologia da cognição. (MATURANA E VARELA, 2001:7)

próprio corpo, despertando a sensibilidade de percebê-lo nos vários significados que ele revela, e repensarem sua prática pedagógica incluindo em sua relação com os alunos a interpretação da leitura desse corpo, que tem muito a nos dizer, facilitando o processo ensino-aprendizagem.

Capítulo III - Linguagem corporal e educação escolar

A pesquisa bibliográfica trouxe dados interessantes no tocante à linguagem corporal. Alguns autores que discorrem sobre o tema apontam que a linguagem corporal está entre o ser humano desde nosso antepassado mais ilustre, o *neanderthalensis*. Outros autores apontam que a linguagem corporal antecede à fala e se constitui num meio de comunicação entre mãe-bebê logo após o nascimento.

Constatou-se que já existe uma utilização da linguagem corporal em algumas áreas do conhecimento principalmente na Educação Física, na Psicomotricidade e em Recursos Humanos (na seleção de candidatos). Nossa pesquisa não pretende entrar nessas áreas. Nossa preocupação é apontar alternativas para a utilização na educação escolar em geral. Como verificar isso no cotidiano?

3.1 - Em busca de experiências

Para responder essa pergunta, fez-se necessário uma sondagem visando buscar e analisar possíveis práticas de aplicação da linguagem corporal no ambiente escolar.

Nossa intenção primeira era limitarmos a uma pesquisa bibliográfica para responder às indagações e à hipótese que anunciamos no projeto, pois o curto prazo para uma dissertação de Mestrado não possibilita uma pesquisa de campo consistente. Entretanto, com exceção da educação física e da psicomotricidade, não encontramos obras que trabalham a relação e utilização da linguagem corporal na educação em geral.

Por isso, decidimos realizar uma observação de campo, sabendo que deveria ser restrita e limitada, e com resultados muito parciais. Entretanto, o escopo era de termos pelo menos uma amostragem do que pode (ou não) estar acontecendo com relação à utilização da linguagem corporal.

3.1.1 - O campo pesquisado e os procedimentos adotados

A pesquisa, com os métodos tradicionais de observação de campo, questionários e entrevistas se deu com alguns professores das escolas públicas: E.M.E.F. Infante Dom Henrique; E.M.E.F. Oscar Pereira de Godoy; E.M.E.F. Cel. Romão Gomes; E.E. Oswaldo

Aranha Bandeira de Mello; E.E.Parque Rodrigues Barreto II; E.M.E.F. Francisco Beraldo Filho; E.E. Cronista Rubem Braga e as escolas particulares: Externato Santa Terezinha e Colégio Penha de França. Por que essas escolas e esses professores? A razão é que, por informação prévia, alguns professores dessas instituições estariam fazendo uma leitura das manifestações corporais em seus alunos. E nos limitamos também ao Ensino Fundamental I, por que a suposição prévia é que esses professores, por permanecerem mais tempo com os alunos, provavelmente estariam se utilizando dessas manifestações corporais na relação pedagógica.

a) local pesquisado

A entrevista com a Profª V. (Anexo VII) e as observações em sala de aula foram realizadas no Colégio Penha de França, localizado à R. Mª Teresa Assunção, 441/437 no bairro da Penha, cidade de São Paulo, no estado de São Paulo. Uma escola que atende crianças desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio. Foi selecionado este colégio, pois a professora S.2, minha colega de turma quando da especialização em Psicomotricidade, vem desenvolvendo um trabalho com os professores deste colégio desde 2002. Embora voltado para a psicomotricidade, busquei semelhanças e aproximações com o propósito de identificar uma possível prática da linguagem corporal. Por razões éticas, omitimos os nomes das pessoas que forneceram as informações.

b) segmentos

Alguns professores do EF I (Ensino Fundamental I) da rede particular e pública que atuam nas mais diversas escolas.

c) instrumentos utilizados

- observação de campo: 8
- questionários: 6
- entrevistas: 3

d) datas da aplicação:

Outubro e Novembro de 2004.

3.1.2 – Resultados obtidos

Foi realizada uma análise qualitativa dos resultados, levando-se em conta a amostragem, baseando-se na coleta de dados das entrevistas, dos questionários e das observações em sala de aula. Os resultados mostram tanto o que estava explícito ou mencionado pelas pessoas observadas como o que pode ser interpretado numa leitura que busca desvelar o oculto.

3.1.3 – Da observação de campo**a) Há utilização ou atenção à linguagem corporal?**

Ao responder ao objetivo de minha pesquisa, verificar se é dada atenção à linguagem corporal em sala de aula, as oito professoras do Colégio Penha de França, dizem que a utilizam há algum tempo, desde 2002, sob a orientação da Prof^a. S.2, de Educação Física, especialista em Psicomotricidade e estão atentas à linguagem corporal expressa pelos alunos.

b) quais indícios?

Ao observar a sala da 3ª série da Prof^a C. (Anexo XIV) percebe-se que os alunos circulam livremente pela sala durante a aula, levantam de suas carteiras e vão buscar material emprestado com o colega.

Conversando com as professoras V. da 4ª série (Anexo XVI) e C. da 3ª (Anexo XIV), estas informaram que não só percebem a linguagem corporal dos alunos como fazem uma leitura corporal em sala de aula. Conseguem perceber quando um aluno não está bem pela expressão facial, corporal e o simples fato de tocá-lo com carinho melhora seu astral, sua postura.

O aluno também faz a leitura corporal da professora ao perceber e indagar se ela está bem ou não, quando percebe algo de diferente na sua postura. Este fato foi comentado pela prof. C. da 3ª série (Anexo XIV).

Em aula que não é da professora titular, Profª V. 4ª série (Anexo XVI), alguns alunos ficam à vontade. Não existe a rigidez de deixar o aluno sentado ereto, pés juntos, costas recostadas na cadeira. É o caso da aula do soldado M. onde os alunos sentam-se uns com os pés sobre as carteiras, outros de maneira descontraída. Notei que o próprio professor M. utiliza-se da expressão corporal para prender a atenção de seu aluno. Gesticula muito, movimenta-se pela sala, modifica seu tom de voz quando necessário para enfatizar algo que está explicando.

Nas oito salas observadas, notei que alguns alunos, de maneira geral, ficam à vontade, descontraídos, livres para questionar sobre o tema exposto.

A disciplina é mantida mesmo na ausência do professor. Este fato foi percebido na aula da Profª L. da 1ª série (AnexoX) quando ao se ausentar da sala, deixando os alunos sozinhos, eles continuam realizando a mesma atividade, concentrados no que estavam fazendo. A professora justifica esse comportamento comentando que são alunos acostumados com a rotina da escola pois freqüentam-na desde a educação infantil.

A questão da disciplina surge ainda na aula da Profª V.2 (Anexo XIII). Os alunos circulam pela sala buscando materiais para as atividades ou indo até a mesa da professora para sanar uma dúvida. Essa movimentação não provoca indisciplina, ao contrário sugere respeito pelos colegas e professora, certa organização e interesse pela aprendizagem.

c) resultados perceptíveis

Durante as observações, nas oito salas de aula, percebe-se que a maioria dos alunos demonstram alegria em estudar. A expressão facial é serena.

Alguns professores permitem que os alunos se movimentem pela sala de aula, expressem sua curiosidade. Fato observado na sala da Profª V.2 (Anexo XIII) quando os alunos levantam-se de suas carteiras para ir até a mesa da professora questionar sobre algo que não entendeu ou para pegar material no armário para auxiliá-los na execução da atividade. Também na aula da Profª C. (AnexoXIV) onde os alunos levantam-se de suas carteiras para emprestarem material dos colegas. Na mesma aula a professora permite que os alunos se ausentem da sala para tomarem água ou utilizarem o banheiro.

Em todas as aulas observadas, o espaço físico da sala era com carteiras enfileiradas. Nem todos os alunos sentavam de maneira rígida, (ou seja, encostados na carteira, com os pés em paralelo no chão), como aponta Galvão, 2000:109 numa “postura escolar clássica”. Uns ficavam com os pés na cadeira em posição de yoga como na aula da profª V.2(Anexo XIII),

ou virados para trás, conversando com os colegas. Na aula da Profª L.1 (Anexo XI) e da Profª L.2 (Anexo XV) alguns alunos ficam em pé ao lado da carteira, escrevendo.

Na aula da Profª L. (Anexo X) observou-se liberdade de expressão dos alunos, pois realizaram as atividades de acordo com sua criatividade. Mais responsabilidade, pois não saíram da sala na ausência do professor, as aulas da Profª L. (Anexo X) e Profª L. 2 (Anexo XV).

O fato de haver um laço afetivo entre professor e aluno melhora a auto-estima deste aluno. Constata-se este fato na fala da Profª C. (Anexo XIV) e no comentário da Profª V. (Anexo XVI)

d) reação dos alunos

As professoras que utilizam a linguagem corporal concordam que ocorre melhora do desempenho do aluno quando é feita a leitura corporal. Percebe-se o aluno como um todo, com necessidades específicas, como aparece nos comentários das Profª. C. (Anexo XVI) e Profª V. (Anexo VII)

Dentre as professoras das salas observadas, a profª. V. (Anexo VII) é que tem mais experiência. É também professora universitária no curso de Pedagogia na Faculdade Oswaldo Cruz, e, segundo ela, prepara suas alunas, futuras professoras para a utilização da linguagem corporal. Suas orientações para com estas alunas iniciam com uma pergunta: Como deve ser o olhar da professora quando estiver atuando em sala de aula?

A Profª V. (Anexo VII) coloca que a leitura corporal contribui para identificar os alunos com dificuldades de aprendizagem. A postura, a maneira como se comportam, como se dirigem ao professor, como se movimentam na sala de aula dão indícios da problemática que enfrentam. A partir daí, pensa-se em alternativas para auxiliar esse aluno a minimizar suas dificuldades.

3.1.4 – Dos questionários e das entrevistas

a) O corpo tem uma linguagem

Os professores entrevistados ou que responderam os questionários concordam que o corpo tem uma linguagem, ele fala muitas vezes mais do que as palavras. Vejamos em seus relatos: “É toda forma de expressão em que podemos nos comunicar sem falar. Nosso corpo

revela afetividade, na maioria das vezes, logo estamos nos comunicando corporalmente”, cita a Profª D.D. (Anexo V).

Para a Profª A.G.S.G. (Anexo II) “o corpo se comunica por meio dos gestos, sentido e sensações”.

Já a Profª E.A.M.S.S. (Anexo VI) coloca que “quando falamos não ficamos parados como um robô. Às vezes não precisamos nem falar e nossas atitudes nos ‘entregam’ num olhar, uma perna que balança demais ou numa inquietude”.

A resposta que mais se aproxima com o objeto desta pesquisa é a colocação da Profª M.M (Anexo VIII) quando comenta “que a linguagem corporal é o meio pelo qual o indivíduo domina e compreende o espaço, seu corpo e a si mesmo”. Fundamenta sua resposta citando G.O.Tani¹⁰:

O movimento corporal é visto como um elemento essencial na aprendizagem, visto que é através dele que o ser humano explora o ambiente, e isto é muito importante para a percepção e para a aprendizagem. A lateralidade, a imagem corporal, a eficiência postural, a locomoção, a percepção auditiva, visual são consideradas componentes da execução de movimentos, tendo um papel significativo no desenvolvimento cognitivo.

b) A percepção dessa linguagem

“Percebe-se essa linguagem por meio de expressões faciais, por meio dos olhos, pois são os olhos que combinam com a palavra proferida” como relata a Profª M.E.B.M. (Anexo IV); “pelo modo de andar, que imita o pai ou por meio do choro porque os pais vão brigar com a criança em casos de brigas familiares”, na colocação da Profª E.A.M.S.S. (Anexo VI).

A Profª V. (Anexo VII) comenta que “ao observar a postura, a maneira como o aluno se movimenta consegue perceber se ele tem problema de aprendizagem”.

c) A observação pelo professor

O professor nota as diferenças de desempenho do aluno nos momentos que a linguagem corporal revela que algo está diferente.

Mesmo só observando os alunos em sala de aula, a Profª A.G.S.G. (Anexo II) coloca que “às vezes eles são impedidos de manifestarem seus sentimentos em casa e a escola torna-se o último refúgio referindo-se aos casos de indisciplina”.

¹⁰ A professora entrevistada não complementou a citação.

Já Prof^a G.G.O. (Anexo III) observa a linguagem corporal “na posição ao andar, brincar, apagar a lousa, dirigir-se aos colegas e as atividades físicas”.

d) A utilização da linguagem corporal na relação pedagógica

Os professores utilizam a linguagem corporal de várias maneiras. Uns trabalham com a comunicação não verbal, como no relato da Prof^a D.D. (Anexo V). Outros passam a mão no cabelo, fazem um carinho, demonstrando a afetividade por meio do toque como as Prof^a C. (Anexo XIV) e a Prof^a V. (Anexo XVI)

Há também o trabalho com fantoches observando a reação dos alunos, como coloca a Prof^a A.G.S.G. (Anexo II) percebendo “felicidade estampada nos rostos dos alunos, motivação e interesse pelo que está sendo tratado no teatro”.

O Prof. G.G.O. (Anexo III) amplia esse rol de possibilidades sugerindo “brincadeiras lúdicas para explorar o movimento como cabra-cega. Dança, mímica, imitação de pessoas e animais, dramatização”.

A sugestão da utilização da linguagem corporal por meio da mímica é compartilhada pela Prof^a E.A.M.S.S. (Anexo VI) que complementa com o recurso do teatro.

Interessante a contribuição da Prof^a A.G.S.G. (Anexo II) ao sugerir que “o professor comece a observar os gestos e movimentos de seus alunos, muito mais que a expressão oral. Aprimore o sentido da visão mais do que a audição. Muitas vezes os olhos podem ouvir mais do que os ouvidos, já que as crianças reprimidas têm muita dificuldade em falar usando a linguagem falada e a corporal sai naturalmente”.

e) Os resultados declarados pelos entrevistados

Ao utilizar o fantoche como meio de mediação na sua prática pedagógica a Prof^a A.G.S.G. (Anexo II) consegue despertar o interesse dos alunos para uma determinada atividade, pois anteriormente estavam dispersos e indisciplinados.

A leitura corporal pode contribuir para a recuperação da aprendizagem, conforme declara o Prof. G.G.O. (Anexo III); melhorar a auto-estima quando a Prof^a M.E.B.B. (Anexo IV) diz que pode mudar a vida de uma criança, levando-a a acreditar em seu potencial.

A Prof^a V. (Anexo VII) ao refletir sobre a linguagem corporal cria oportunidades para os alunos se movimentarem e utilizarem o corpo no processo de aprendizagem. Dá exemplo

de atividade onde os alunos realizam uma pesquisa, primeiro individualmente, depois são levados para a quadra de esportes onde compartilham a pesquisa com outros colegas formando grupos de acordo com as afinidades de cada um. Utilizam o espaço da quadra de maneira livre. Elaboram cartazes comunitários e expõem para o restante da escola.

E, complementando este tópico, menciono as colocações da Prof^a M.M. (Anexo VIII) que diz que a criança deve aprender a conhecer o seu corpo, o lugar que ele ocupa no mundo. A partir daí, poderá compreender o mais específico, utilizando os recursos corporais de forma dinâmica com seus recursos cognitivos e emocionais.

A leitura corporal possibilita o despertar da aprendizagem, como coloca a Prof^a K.A.S.P.O. (Anexo IX), “quando você consegue a confiança do aluno e conseguir confiança é saber o que esta acontecendo com ele, o que o corpo está falando e você traduz esta linguagem, busca alguma estratégia para sensibilizar o aluno, ele desperta o interesse e começa a se soltar e interessar em aprender”.

f) Casos especiais foram levantados?

Uma das professoras entrevistadas (K.A.S.P.O. - Anexo IX) relata uma vivência interessante. Questionada sobre se a linguagem corporal só ocorre com seus alunos de 1^a série ela respondeu: “Tenho uma turma de 15 a 19 anos que é sala de reforço e tem um adolescente, ele não é aluno, mas acompanha o primo e como ele estava na sala de aula, ficava isolado, como quem diz, ‘não preciso disso aqui’. Solicitei que participasse da atividade. No início ele se recusou, mas fez e como fiquei sabendo que ele gostava de rock, na aula seguinte levei várias revistas para ele que seria um prêmio para quem acertasse a atividade. A revista seria como um doce para uma criança. Como ele fez a atividade deixei que ele levasse a revista emprestada. No dia seguinte ele mostrou interesse em uma figura que estava na revista e perguntou se podia recortar. Informei que sim e ele comentou: ‘Perguntei só pra ver se você dizia não’. O que ele quis dizer com isso? Que provavelmente na casa dele é assim que ele se relaciona com os demais, sempre sendo podado em fazer alguma coisa. No dia seguinte ele trouxe seu caderno. Ele compõe músicas, e é bem talentoso, tem futuro se alguém o incentivar. São músicas críticas à sociedade em geral. Ele tem futuro”.

A primeira interpretação da leitura corporal feita por essa mesma professora refere-se a “não preciso disso aqui”. Esse fato pode demonstrar que o jovem queria atenção, se sentiu importante, acolhido, ao ser convidado a participar da aula, confiou na professora como ela mesma relata “quando você consegue a confiança desse aluno e conseguir confiança é saber o

que está acontecendo com ele, o que o corpo está falando e você traduz essa linguagem. Busca algumas estratégias para sensibilizar o aluno, ele desperta o interesse e começa a se soltar e interessar em aprender”.

Embora o jovem não fosse aluno, estava na sala de aula, a professora utilizou-se da informação de que ele gostava de música e sensibilizou-o a participar da aula.

g) Apreciações e críticas dos pesquisados

Os professores que participaram desta pesquisa, por meio dos questionários e entrevistas, demonstraram uma preocupação em utilizar a linguagem corporal por acreditarem que ela é significativa na prática pedagógica conforme relatado nos itens anteriores.

A Prof^a K.A.S.P.O. (Anexo IX) aponta uma crítica com relação à atuação da coordenação. Comenta que quando a coordenação não apóia o trabalho do professor, este sente-se sozinho para atuar, mas se o professor está convicto dos objetivos a serem atingidos continua na sua luta, mesmo que de maneira solitária, com a convicção de que vale a pena investir e modificar sua postura com os alunos. O retorno que o aluno dá é muito gratificante.

h) Como entenderam o significado de linguagem corporal?

De maneira geral os professores entendem a linguagem corporal como sendo a expressão do ser além da voz como colocam os Prof. G.G.O. (Anexo III) e Prof^a D.D. (Anexo V), ou ainda como uma maneira de se expressar utilizando o corpo, como, por exemplo, apontar, empinar o nariz, balançar a cabeça, esquivar-se, como nos traz a Prof^a E.A.M.S.S. (Anexo VI).

Concordam que o corpo tem uma linguagem própria que tem que ser observada e levada em consideração na relação professor-aluno. Ressaltam a importância dessa leitura na prática pedagógica visando melhorar o processo de aprendizagem.

Em uma das entrevistas a Prof^a. M.M. (Anexo VIII) faz uma colocação que tem seu fundamento “O professor poderá fazer a leitura corporal de seu aluno se entender seu próprio corpo partindo do auto-conhecimento”.

A colocação desta professora salienta a importância do professor entender primeiramente seu corpo para depois procurar fazer a leitura corporal de seu aluno.

3.1.5 – Análise e discussão dos dados

A conclusão a que se chega pela análise dos dados obtidos é que, na fala dos professores que participaram desta pesquisa, tanto nas observações em sala de aula como por meio das entrevistas e questionários, o conceito de linguagem corporal parece ser entendido por todos; cada um explicando à sua maneira, consideraram que o corpo tem uma linguagem própria e fala mais que palavras.

Percebe-se que pretendem realizar a leitura corporal visando contribuir para a motivação, proporcionar um clima de liberdade, despertar o interesse em freqüentar as aulas, participar ativamente e com alegria das atividades propostas, desenvolver o senso de responsabilidade, minimizar os possíveis problemas de aprendizagem que acometem alguns alunos, inculcar no aluno o prazer em estudar e não fazê-lo por obrigação.

Nota-se que, na fala dos observados, estes desvelamentos interferem de maneira significativa para melhorar o processo ensino-aprendizagem e conseqüentemente contribuem para tornar os alunos cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Entretanto, nos dados explícitos e nas situações não declaradas podemos constatar várias limitações.

Para captar as situações ocultas ou não declaradas tomemos por base a posição de Chizzotti (2001)

A fenomenologia considera que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam os fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos (CHIZZOTTI, 2001:80).

1- focalizam muito a linguagem corporal como possibilidade de descobrir, identificar problemas ou atitudes negativas

Aparece na fala da Prof^a. V. (Anexo XVI) quando comenta que as dificuldades (ex: escrever o ç) que o aluno apresenta será trabalhado de maneira lúdica. Ou ainda, “o aluno que tem problema de aprendizagem demonstra primeiramente em sua postura, seu corpo. É mais irrequieto, movimenta-se mais pela sala, parece esquivar-se quando a professora lança uma pergunta que vai ao encontro da dificuldade”.

A Profª. K. (Anexo IX) identificando quando o aluno não está bem. Ela percebe o aluno quieto na carteira, sem participar da aula.

2- nem sempre o discurso afirmativo corresponde à realidade, pois, aparecem atitudes repressivas.

Constata-se este fato quando a Profª. C. (Anexo XVI) justifica os alunos estarem quietos ao extremo pois foram avisados que teriam visita; o fato deles formarem fila no corredor para trocarem de sala ou irem para o intervalo. O Prof. M. (Anexo XVI), soldado que vem fardado para as aulas demonstra sinal de respeito. Em sua aula a repressão ocorre quando não permite que o aluno manifeste sua dúvida, solicitando que ele não atrapalhe a aula, sente direito, vire para a frente. A justificativa da Profª S. (Anexo XVII) ao mencionar o fato das alunas ficarem isoladas no fundo da sala por conversarem muito, denota mais um castigo imposto pela professora do que a escolha das alunas; o mesmo se denota quando ela coloca sobre os combinados para estabelecer regras de disciplina, se concentrarem e diminuir a agitação dos alunos. Na aula da Profª. V.2 (Anexo XIII) os alunos aguardam quietos a próxima atividade; fazem fila para esperar os colegas e balançam o corpo, demonstrando talvez, impaciência. A Profª. E. (Anexo XII) pede para o aluno ficar em silêncio quando ele manifesta a curiosidade de saber qual era minha profissão; chama a atenção dos alunos pelas brincadeiras que faziam na aula e pede para voltarem a se concentrar na lição; para justificar a inquietação dos alunos, ela afirma que é um sinal de protesto por não terem ido ao passeio programado por causa tempo chuvoso. A Profª. L. (Anexo X) comenta que seus alunos são comportados por estarem habituados com o ritmo da escola, pois a freqüentam desde o pré. Na entrevista, a Profª. K.A.S.P.O (Anexo IX) coloca que os professores. da 3ª e 4ª série não estão nem aí com o aluno, demonstrando uma atitude de descaso.

3- ausência de formação e de leitura específica

Este fato é constatado quando perguntado a Profª. V. (Anexo VII) sobre algum autor que embasa sua prática, ela não especifica nenhum autor, comenta apenas que vai buscar informações em autores que trabalham com a questão da dificuldade de aprendizagem, mas não cita nenhum. Também comentou que não fez qualquer curso de capacitação. A experiência em sala de aula é que despertou o novo olhar para com o seu aluno, por meio da linguagem corporal.

3.2 – Linguagem corporal e educação escolar. Um caminho a ser construído

Há um longo caminho a percorrer para que os atores da educação escolar se conscientizem do valor da linguagem corporal e o apliquem no processo pedagógico.

3.2.1 – A falta de teorias e de práticas

Nos dois primeiros capítulos, mediante uma revisão bibliográfica, salientamos o valor do corpo e da corporeidade. Notamos a importância da linguagem em geral e da linguagem corporal na vida das pessoas. Ela está presente desde que o homem existe na face da terra. Torna-se uma espécie de comunicação necessária entre a mãe e seu filho nos primeiros meses de vida, pois é por meio dos gestos, da expressão facial, do choro, que o bebê manifesta suas insatisfações, solicitando assim os cuidados da mãe.

Como mencionado anteriormente, a utilização da linguagem corporal à educação escolar acontece na disciplina de Educação Física. Ela ocorre também na área de Recursos Humanos. O corpo revela traços da personalidade da pessoa passíveis de serem analisados, que indicam o perfil do candidato a um emprego. A psicomotricidade é outra disciplina que focaliza a relação psique e corpo na educação.

Faltam teorias específicas que aproximem a linguagem corporal à educação escolar em geral em seus vários graus e faltam práticas que envolvam a corporeidade e sua linguagem na relação pedagógica. Estudos teóricos de fôlego e especializados nesse campo ainda não conhecemos. Não foram encontradas pesquisas sobre a utilização da leitura corporal no meio acadêmico. Não se tem conhecimento de que as escolas adotem nos seus currículos ou pelo menos se preocupem com a questão do corpo e de sua linguagem.

Fizemos uma sondagem em um campo limitado e percebemos que há uma intenção de recorrer à linguagem corporal e alguma prática embrionária está em andamento. No Colégio Penha de França, a leitura corporal é utilizada por alguns professores, com o apoio da coordenação e direção. Mas é uma prática ainda cercada de limitações, como observamos no campo estudado.

Seria ousadia, ou sonho, ou talvez utopia, pensar em intensificar essa prática tão necessária na educação escolar como um todo, para que possa ser uma mediação eficaz para o desenvolvimento integral do educando? Talvez este sonho possa tornar-se realidade. Para isso, pretendemos apontar possíveis pistas.

3.2.2 - A linguagem corporal e os objetivos gerais da educação

Neste ítem, vamos conceituar educação buscando nos seus objetivos um rumo para se trabalhar a linguagem corporal na educação escolar.

Em uma visão ampla, educação assume vários sentidos. Ela pode ser tida como o ato de educar-se, ou então como um processo par desenvolver a capacidade física, intelectual e moral do ser humano em geral, visando a sua integração na sociedade. Pode também significar os resultados deste processo: conhecimentos e aptidões outros conhecimentos e métodos usados para chegar a tais resultados. Muitas vezes educação tem o sentido de instrução, ensino ou nível de ensino.

Em um viés psicológico a educação é tida como a “modificação progressiva e desejável da personalidade, em resultado do ensino formal (instrução), do estudo e da aprendizagem decorrente das relações interpessoais.” Tal é a definição de Cabral e Nick no Dicionário Técnico de Psicologia (1997:100).

No campo pedagógico, temos a seguinte conceituação que aparece no Dicionário Prático de Pedagogia:

Educação é a ação exercida por meio de métodos particulares, com o objetivo de desenvolvimento ou preparação social, intelectual, moral, física, e afetiva de uma criança ou jovem. A transmissão da cultura de uma geração ara a outra. Civilidade, nível ou tipo de ensino. (T.D. QUEIROZ, 2003:96)

A educação pode ser vista também sob o prisma antropológico. O antropólogo Brandão (2004) reporta-se à definição utilizada por Durkheim que considera que:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (Apud BRANDÃO, 2004:71)

Complementando a gama de definições, Brandão (2004) busca o significado da palavra recorrendo a sua origem latina.

Educação. Do latim “educere”, que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do

indivíduo ao meio. É atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte. (BRANDÃO, 2004:63/64)

Brandão menciona o espaço educacional que não é o escolar, colocando a questão da educação de um modo abrangente.

Em todos os cantos do mundo, primeiro a educação existe como um inventário amplo das relações interpessoais diretas no âmbito familiar: mãe-filha, pai-filho, sobrinho-irmão-da-mãe, irmão-mais-velho-irmão-caçula e assim por diante. Esta é a rede de trocas de saber mais universal e mais persistente na sociedade humana. Depois, a educação pode existir entre educadores-educandos não parentes – mas habitantes de uma mesma aldeia, de uma mesma cidade, gente de uma mesma linguagem – semi-especializados ou especialistas do saber de algum ofício mais amplo ou mais restrito: artesão-aprendiz, sacerdote-iniciado, cavaleiro-escudeiro, e tantos outros. (BRANDÃO, 2004:31/32)

Brandão (2004) menciona que a escola primária surge em Atenas por volta do ano 600 a.C. dando início assim a educação formal, onde as crianças ingressavam a partir dos sete anos de idade.

Estas múltiplas conceituações de educação estabelecem um norte de objetivos para o educador ao lançar mão da linguagem corporal no seu trabalho pedagógico.

Esta pode e deve integrar o processo educacional para:

- 1- Desenvolver capacidade física, intelectual e moral do ser humano, visando a sua integração na sociedade.
- 2- Proporcionar conhecimentos desejáveis e auxiliar na descoberta das aptidões necessárias para promover esta integração.
- 3- Modificação da personalidade. A linguagem corporal faz transparecer a personalidade e ao mesmo tempo pode colaborar para modificá-la, no sentido do aluno conhecer-se enquanto pessoa.
- 4- Desenvolver ou preparar o educando nos aspectos sociais, intelectuais, morais, físicos, afetivos buscando “métodos particulares” (T.D. QUEIROZ, 2003:96) que possam contribuir adequadamente para a prática pedagógica.

- 5- Ajudar na formação do caráter, por meio da “ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que ainda não se encontram preparadas para vida social” (DURKHEIM, apud BRANDÃO, 2004:96).
- 6- Integrar o aspecto emotivo da educação. A linguagem corporal possibilita pensar a Educação também como elemento facilitador no desenvolvimento afetivo de uma criança ou jovem (T.D. QUEIROZ, 2003:96).
- 7- Abranger o ser humano integral e os aspectos utilitários ou a formação de habilidades profissionais, artísticas, o corpo e a alma, a vida sensível, intelectual, moral, individual, doméstica e social. Pela linguagem corporal o educador tem condições de integrar o “inventário amplo das relações interpessoais diretas no âmbito familiar” de que fala Brandão. (BRANDÃO, 2004:31/32)

3.2.3 - O professor usando a linguagem corporal

Para que o docente dê atenção à linguagem corporal, e, pelo menos, tente utilizá-la na relação pedagógica, oferecemos agora alguns indicativos.

3.2.3.1 - Uma nova postura epistemológica

Uma condição preliminar, para o docente admitir que a corporeidade e sua linguagem são “um foco irradiante primeiro e principal para os critérios educacionais” (ASSMANN, 1995:77) é a mudança de seu olhar epistemológico.

Segundo Assmann (1995) é preciso quebrar os paradigmas, os dogmas, baseados no ensino imediatista, nos manuais que “engessam” a prática pedagógica. É necessário uma Metateoria que envolve muitas disciplinas, mas que não anule a epistême peculiar de cada uma.

Assmann (1996) traz, em outra obra, *Metáforas Novas Para Reencantar a Educação*, um esquema interessante que pode nortear esse novo olhar. Sugere que o modelo do ensino tradicional não dá conta de auxiliar neste resgate. Talvez no construtivismo poderemos achar um caminho para dar os primeiros passos em busca de uma prática que valorize a corporeidade.

Entretanto, o autor faz ressalvas quanto a sua utilização do esquema para não se cair na mesmice dos manuais, alvo de suas críticas.

Esquemas de contraposição, como o que vem logo abaixo, são sempre muito imperfeitos e até perigosos pelo risco de cair em dualismos. Podem, no entanto, ter alguma serventia didática para chamar a atenção para equívocos da epistemologia que impregna o tradicional ensino dos saberes, supostamente já prontos para a entrega. A remexida, à qual o esquema abaixo pretende aludir (apesar do seu simplismo), refere-se à própria base do que se deve entender por conhecimento e aprendizagem. O esquema foi tirado - com algumas adaptações - de um texto bem mais extenso de Greg Swan e Billie Hughes (ASSMANN,1996:135)

EPISTEMOLOGIA OBJETIVISTA (entrega a recepção de sabres)	EPISTEMOLOGIA CONSTRUTIVISTA (construção interativa de conhecimentos)
Que é a realidade?	
Algo externo e independente de quem conhece	Algo determinado por quem conhece
Mundo real, objetivo	Algo dependente da atividade mental humana
Estrutura de coisas, fatos, entidades, propriedades, relações	Produto da mente. Procedimentos simbólicos constroem a realidade
Que é o Cérebro/Mente?	
Processador de símbolos	Criador de símbolos
Espelho da natureza	Preceptor/intérprete da natureza e história
Máquina abstrata para manipular símbolos	Sistema conceitual pra construir a realidade
Que é Conhecer e Pensar?	
Algo não-físico (espiritual) independente da experiência corporal (<i>disembodied</i>)	Algo que emerge dentro da corporeidade (<i>embodied</i>)
Regido pela realidade externa	Fundado na percepção/construção
Refletindo a realidade externa	Emerge da experiência bio-orgânica e social
Manipula símbolos abstratos	Como imaginativo possibilita a abstração
Representa (espelha) a realidade	É mais do que representação (espelhamento) da realidade
Pode ser decomposto (atomisticamente) em blocos de construção	Tem propriedades <i>gestálticas</i> (padrões formas)
Algorítmico (= passos sequenciais de execução)	Apóia-se na estrutura biodinâmica do sistema conceitual
Classificação	Criação de modelos cognitivos
Que Significação/Sentido?	
Correspondente a coisas e categorias que existem no mundo	Não se fia da correspondência com o mundo (supostamente objetivo)
Independente da compreensão por qualquer organismo	Depende da compreensão
Algo externo ao entendedor	Determinado pelo entendedor/observador
Que são símbolos?	
Representam a realidade	Instrumentos para construir a realidade
Representações internas da realidade exterior (blocos de construção) (construída interiormente)	Representação de uma realidade interior

Esquema adaptado por Assmann (1996:136/137) do texto de Greg Swan e Billie Hughes

Para uma leitura deste esquema, Assmann (1996) esclarece o que é objetivismo e construtivismo.

Objetivismo: o conhecimento e a verdade existem fora da mente do indivíduo e são, por isso, objetivos. Aos estudantes se lhes fala acerca do mundo e espera-se que eles repliquem em sua mente o conteúdo e a estrutura desse mundo. Já que se acredita que o conhecimento é algo fixo, a aprendizagem é vista como uma réplica/em replicar da base de conhecimentos dos entendidos (espertos). Os professores transmitem conhecimento e os estudantes têm que aprendê-lo tal como é ensinado, de modo que os aprendentes (*learners*: alunos) consigam a mesma compreensão dos que ensinam

Construtivismo: os construtivistas acham que o conhecimento e a verdade são construídos pela gente. Não há conhecimento objetivo ou verdade objetiva a serem ensinados. Todos nós concebemos a realidade exterior com alguma diferença, com base em nosso repertório único de experiências acerca do mundo e nossas crenças a respeito delas. Contudo, os que estão aprendendo podem perfeitamente discutir com outros acerca de suas maneiras de compreender e desenvolver, desse modo, entendimentos compartilhados. Embora diferentes aprendentes possam chegar a diferentes respostas, não se trata de sustentar que qualquer coisa vale. Os aprendentes têm que ser capazes de justificar a sua posição e mostrar a sua viabilidade. (ASSMANN: 1996:137/138)

No esquema proposto por Assmann (1996), há uma peculiaridade particularmente relevante, que possibilita uma abertura epistemológica para o corpo e a sua linguagem. Por um lado, a realidade não é um dado puramente objetivo, mas dependente da atividade mental humana, cujos procedimentos simbólicos criam a realidade. Por outro lado, ao contrário da posição positivista, que coloca o conhecer e o pensar como algo não físico (espiritual) desencarnado (*disembodied*), a epistemologia construtivista afirma que conhecer e pensar são atividades que emergem dentro da corporeidade (*embodied*). Trata-se, em nosso entender, de uma “revolução” epistemológica que deveria trazer conseqüências e reflexos na prática pedagógica.

Parece que uma das dificuldades em se estabelecer ou indicar alguns procedimentos que possam levar a prática de um ensino que valorize a Corporeidade seja a subjetividade do ser humano.

Assmann demonstra essa preocupação quando alerta para o cuidado de não “enlatar” o corpo, porque não existe “o corpo geral” de todos, mas sempre “o corpo concreto” de cada um. (ASSMANN, 1995:81)

Comenta que “importa saber preservar, em qualquer modelo de “leitura” da Corporeidade, e de interferência na mesma, a máxima atenção à complexidade dos seres vivos” (ASSMANN, 1995:82)

Ainda utilizando suas reflexões, observamos que

Hoje em dia já se pode afirmar que é atitude pouco científica pretender “esgotar” cabalmente a compreensão do real e, por tanto, querer definir, de forma conclusiva e absolutamente previsível, as “leis” do real, especialmente da realidade dos seres vivos. (ASSMANN, 1995:81)

3.2.3.2 - Entender as vicissitudes da corporeidade

A partir dessa “conversão” epistemológica e, ao mesmo tempo, reforçando-a, cabe ao professor ter uma visão clara dos percalços que acompanharam o enfoque da corporeidade ao longo da história. Com a intenção de oferecer ao docente subsídios para compreender essa trajetória, recapitulamos agora os passos principais trabalhados no capítulo primeiro.

Um breve olhar pela história da filosofia possibilita ao docente tomar consciência de que a marginalização do corpo, as dificuldades em trabalhar com ele na relação pedagógica e a escassa atenção dada a linguagem corporal têm raiz na visão negativa que sobre o corpo foi se criando a partir do dualismo platônico que deixou marcas profundas no pensamento e na cultura ocidental. Esta visão, como vimos, foi acolhida pelo pensamento cristão e impregnou o seu *ethos* sobretudo por obra de Santo Agostinho, o teólogo mais influente da Alta Idade Média.

Na modernidade, o dualismo e o mecanicismo cartesiano introduziram a idéia de corpo como máquina perfeita, cujo entendimento requer a sua decomposição em partes, inaugurando a visão fragmentada da filosofia, da anatomia, da medicina, que contagiou também outras ciências, inclusive a educação.

É relevante que o professor conheça as críticas contundentes da Foucault, que lançam luzes sobre a negação do corpo e a sua manipulação nas instituições da modernidade, as quais o transformaram em um instrumento dócil e útil a serviço do poder.

A nova postura epistemológica requer que o docente conheça e participe do grande movimento de reabilitação do corpo que vem se instaurando nas últimas décadas, desde a filosofia de Nietzsche, passando pela “*Fenomenologia da Percepção*” de Merleau-Ponty e penetrando na filosofia, na neurociência, na psicologia, na antropologia e, finalmente, na educação

A partir das reflexões de Merleau-Ponty, o professor é estimulado a observar o próprio corpo, que, além de uma percepção fisiológica, caminha em busca do sentido, vê-o como movimento, ação, vida, como “nosso meio de ter um mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999:205)

Sartre nos mostra que o professor precisa perceber que não há conhecimento puro, mas sim um conhecimento comprometido, que se dá por meio do corpo, constituindo-se na referência que o indivíduo tem com todas as coisas que o cercam.

Antonio Damásio (1996) possibilita que o professor compreenda que “a mente humana deve ser relacionada com todo o organismo, que possui cérebro e corpo integrados e

que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social”. (DAMÁSIO, 1996:282)

O corpo é muitas vezes deixado de lado pelo acúmulo de compromissos, principalmente quando o professor assume muitas aulas para completar sua jornada de trabalho, o que acaba desencadeando algumas doenças psicossomáticas. É preciso “ouvir” o corpo, para evitar que ele adoça, e descobrir meios de melhorar esta situação a fim de estabelecer um relacionamento mais adequado com as outras pessoas como nos mostra Rollo May (1972).

É preciso ainda que o professor analise o poder sobre o corpo por uma ótica positiva, compreendendo que: “É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico”. (FOUCAULT, 1993:148/149)

A aprendizagem não é concebida na visão de Assmann (1995) sem a participação corporal. Ele está convicto que “Toda aprendizagem tem uma inscrição corporal. Não existe mentalização sem corporalização” (ASSMANN, 1995:47). É este conceito que o professor precisa interiorizar para que ele possa mudar sua prática pedagógica, visando promover uma aprendizagem mais significativa.

3.2.3.3 - Perceber o valor da linguagem e da linguagem corporal

Para fundamentar a importância da linguagem corporal na educação escolar e possibilitar sua utilização em sala de aula, primeiramente, auxiliaremos o professor a compreender o que é linguagem: “qualquer meio sistemático de comunicar idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc”. (HOUAISS, 2004:1763)

E, como conceito de linguagem corporal, temos: modo de se mover e de se gesticular próprio de cada pessoa ou animal, usado para intercomunicação com outras pessoas ou animais. (HOUAISS, 2004:1764)

A linguagem faz parte da comunicação entre os indivíduos. A comunicação é um processo de transmissão e recepção de mensagens e pode ser estabelecida por meio de recursos físicos (fala, audição, visão, etc), utilizando-se de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos iconográficos, gestuais, entre outros mencionados na definição do Dicionário Houaiss (2004).

É relevante que o professor tenha presente que a comunicação pode ser verbal, que é praticada por meio da fala e da escrita, e não-verbal por meio do olhar, o sorriso, a postura, o

tom de voz, os gestos e ainda os movimentos corporais. E dê espaço para a comunicação não-verbal em sala de aula, pois ela é tão importante quanto a verbal e se manifesta na linguagem corporal.

A respeito da linguagem em geral, é importante que o professor observe que ela é, meio da comunicação num primeiro momento, e é também responsável pela organização, articulação e orientação do pensamento, como aponta Davis e Oliveira (2000). A ligação entre pensamento e linguagem também faz parte das pesquisas de Vygotsky (2000) que não concebe uma separação entre estes dois conceitos. Aponta a importância da linguagem para a comunicação desde os primórdios da história do homem na face da terra e concorda com a idéia de que a fala humana é originária da necessidade de comunicação entre os homens durante o trabalho, mas os autores pouca referência fazem a respeito da linguagem corporal.

Partimos do princípio de que a linguagem corporal está inserida na comunicação não verbal. Mesmo quando estamos falando, gesticulamos, balbuciamos, ficamos vermelhos, olhamos fixamente para as pessoas, desviamos o olhar, etc. É possível ao professor perceber essa linguagem em seus alunos.

As risadas, os sons inarticulados, os movimentos que são mencionados nas observações de Vygotsky (2000) com os bebês recém-nascidos representam o que se denomina de linguagem corporal.

Piaget (1923) nos ensina que o brinquedo é a verdadeira linguagem social da criança com menos de sete ou oito anos, pois é uma linguagem de gestos, movimentos e mímica, tanto quanto de palavras. (Apud VYGOTSKY, 2000:19)

Para complementar estas considerações a respeito da presença da linguagem corporal na comunicação Bock, Furtado e Teixeira (2001) comentam que a comunicação não é constituída apenas de código verbal, mas também por expressões de rosto, gestos, movimentos, desenhos, sinais.

Se a linguagem corporal acompanha o ser humano desde seu nascimento, faz parte do dia a dia, por que não utilizá-la em sala de aula?

3.2.3.4 - O professor usando a linguagem corporal no ensino

Trata-se agora da tarefa mais difícil. Como já foi dito, a disciplina a qual se aplica a linguagem corporal é a educação física. Nas outras, pouca ou nenhuma atenção lhe é dada. Também os currículos de formação do professor não se preocupou em incentivar essa importante mediação pedagógica. Não pretendemos, neste item, oferecer receitas, nem

superar uma lacuna que é institucional e histórica. Nossa intenção é apenas oferecer indicativos, contando com a boa vontade e a coragem do professor, em tentar trabalhar com a linguagem corporal, qualquer que seja a matéria que ensina.

Iniciaremos com uma importante indicação de Assmann:

A educação escolar tem a tarefa singular de criar as condições para que desabrochem e se entrelacem, na vida concreta das pessoas, os nexos corporais, as linguagens e os comportamentos de modo a poder constituir uma ecologia cognitiva favorável à auto-organização unificada de processos vitais e processos cognitivos. Dito de outra forma, a Pedagogia é a sabedoria básica entre os processos vitais e processos cognitivos, levando em conta a sua dinâmica prazerosa. (ASSMANN,1996:34)

Vimos nos capítulos anteriores que a linguagem é compreendida por meio dos signos e seus significados quando não universais, pelo menos, integrantes de uma cultura.

Cabe lembrar esse significado por meio das colocações de Saussure, lembrado em Merleau-Ponty (1980)

Aprendemos com Saussure que os signos um a um nada significam, que menos exprimem um sentido do que marcam uma variação do sentido em relação aos demais. Como isso ocorre a todos, a língua se processa por diferenças sem termos, ou mais exatamente, seus termos só surgem pelas diferenças que apresentam entre si. (MERLEAU-PONTY, 1980:141)

Mas nem sempre a decifração desta linguagem está explícita. Daí a necessidade do desvelamento do oculto, nos espaços em branco na linguagem escrita, ou na intenção da linguagem falada.

No que se refere à linguagem, se o signo se torna significante por sua relação lateral aos outros, o sentido só surge então à intersecção e como que no intervalo das palavras. [...]Como a charada, só se deixa compreender pela interação dos signos, que isolados são equívocos e banais e cuja reunião unicamente faz sentido. (MERLEAU-PONTY, 1980:143)

Merleau-Ponty faz uma analogia entre a linguagem escrita, a falada, a pintura. Coloca que mesmo na pintura, para se compreender a obra do autor temos que ver o sentido que ele deu aos traçados, as cores que utilizou, a harmonia que a totalidade de seu quadro representa.

Com relação à linguagem falada, o autor comenta:

O mesmo vale para a palavra verdadeiramente expressiva e, logo, para toda a linguagem ao se estabelecer. Precisamos considerar a palavra antes que seja pronunciada, contra o

fundo de silêncio que sempre a envolve e sem o qual nada diria, o desvendar ainda os fios de silêncio que a enredam. (MERLEAU-PONTY, 1980:146)

Para fundamentar melhor suas observações, veja o que coloca a respeito de uma ligação telefônica. “Conta-se que a gravação exata de uma conversa que parecera brilhante dá em seguida a impressão de indigência. Falta-lhe a presença dos que falavam, os gestos, as fisionomias, a sensação do acontecimento sobrevivendo, do imprevisto continuado” (MERLEAU-PONTY, 1980:155).

Continuando a analogia, informa sobre o pintor e o escritor, e coloca:

Costuma-se dizer que o pintor nos atinge através do mundo tácito das cores e linhas, dirige-se a uma capacidade de decifração em nós informada e que não chegaremos a dominar senão após tê-la cegamente exercido, depois de ter gostado da obra. O escritor, pelo contrário, instala-se por entre signos já elaborados, num mundo já falante, e de nós nada requer a não ser uma capacidade de reordenar as significações conforme a indicação dos signos que propõe. E se a linguagem exprime tanto pelo que fica entre os vocábulos quanto por eles mesmos? Pelo que “não diz” quanto pelo que “diz”? E se houver, oculta na linguagem empírica, uma linguagem à segunda potência, onde de novo os signos levem a vida vaga das cores e das significações e não independam de todo do comércio dos signos?(MERLEAU-PONTY, 1980:145)

Complementando seu raciocínio, diz:

Se nos instalarmos no pintor para assistir este momento decisivo quando o que lhe foi doado por destino corporal, de aventuras pessoais ou de eventos históricos cristaliza-se a partir de “o motivo”, reconheceremos que sua obra, que não é nunca um efeito, é sempre uma resposta a esses dados, e que o corpo, a vida, as paisagens, as escolas, as amantes, os credores, as polícias, as revoluções que podem asfixiar a pintura, são também o pão com que opera seu sacramento. Viver na pintura é respirar ainda este mundo, sobretudo para quem nele vê alguma coisa a pintar, e todo o homem traz um pouco deste olhar. (MERLEAU-PONTY, 1980:160)

Por analogia, com o exemplo de Merleau-Ponty o professor pode, na prática pedagógica, realizar a leitura corporal como uma linguagem indireta, que parte dos gestos dos alunos e vai além da sua mera existência factual descobrindo neles um sentido, uma seqüência que conjuga e unifica as suas várias tentativas de expressão.

Consistindo o próprio gesto humano em significar para além de sua mera existência de fato, em inaugurar um sentido, segue-se que qualquer gesto é comparável a qualquer outro, que formam todos uma única sintaxe, que cada qual é um princípio (e uma seqüência), que por não estar, como o evento, exaurido em sua diferença e para sempre concluso, prenuncia uma seqüência ou reincidência, fazendo-se sentir além da simples presença e mostrando-se por isso aliado ou cúmplice a todas as outras tentativas de expressão.(MERLEAU-PONTY, 1980:163)

Merleau-Ponty (1980) faz outra analogia entre o sentido expresso pela pintura e o sentido expresso pelo corpo.

O campo das significações picturais está aberto desde quando um homem tenha surgido no mundo. E o primeiro desenho nas paredes das cavernas fundava uma tradição unicamente por recolher outra: a da percepção. A quase eternidade da arte confunde-se com a quase eternidade da existência corpórea, e temos no exercício do corpo e dos sentidos, enquanto nos inserem no mundo, material para compreender a gesticulação cultural enquanto nos insere na história. Afirmam por vezes os lingüistas que, não havendo a rigor nenhum meio de se assinalar na história a data em que, por exemplo, cessa o latim e o francês principia, não há senão um único linguajar e quase que uma única língua falada continuamente. Digamos, generalizando, que a tentativa continuada de expressão estabelece uma só história, como o corpo, ao abranger qualquer objeto possível, estabelece um só espaço. (MERLEAU-PONTY. 1980:164/165)

As analogias de Merleau-Ponty revelam e reafirmam o que ele mesmo buscou denominar mostrando que existe uma “linguagem indireta” nas mais variadas formas de expressão, apontando ainda que as vozes do silêncio são significados de uma linguagem que existem ocultas sob o que se fala ou o que se escreve, e ainda, o que se demonstra corporalmente.

Nas expressões do corpo e dos sentidos, o professor pode perceber a inserção do aluno no mundo, na cultura e no espaço pedagógico.

Em Leloup (2002) e Weil (2004) há maneiras diferentes de fazer uma leitura do corpo que vêm acrescentar ao pensamento de Merleau-Ponty. Embora não seja possível utilizá-las na sua totalidade, pelo menos parcialmente, há que fazê-lo, levando em conta a diversidade de interpretações, que os próprios autores propõem, pois podem servir de indicativos para o professor.

Leloup (2002) convida “às diferentes escutas do corpo” propondo inicialmente uma “anamnese que deriva da palavra grega *anamnēsis*, e significa recordação, lembrança”. Ele denomina “anamnese essencial à arte e a prática de lembrar-se do Ser, através das memórias do corpo físico e das marcas psicológicas deixadas neste corpo físico” (LELOUP, 2002:15/16)

Para que isso ocorra vale-se das escutas: física, psicológica e espiritual para interpretar o simbolismo que existe em cada parte do corpo.

A *escuta física* por meio de uma anamnese médica ou fisiológica busca identificar lugares onde se instalam normalmente doenças e sofrimentos por serem pontos fracos.

A *escuta psicológica* do corpo demonstra medo ou atração por determinada parte do corpo analisando em quais condições psicológicas do corpo se manifestam certas doenças ou sofrimentos.

Há ainda a *escuta espiritual*. O Espírito está presente em nosso corpo. E, certas doenças, algumas crises, são manifestações do Espírito que quer trilhar um caminho, que quer crescer, que quer desenvolver-se em membros que lhe resistem.

Para ele,

O símbolo é o visível que aponta para o invisível, o trampolim para o mergulho no desconhecido. Assim torna-se possível transmutar a existência numa criação permanente, escrevendo-a como uma epopéia única que acrescenta algo ao universo. [...] O homem é o seu próprio livro de estudo. Basta ir virando as páginas, até encontrar o Autor. (LELOUP, 2002: 11)

Reforçando a importância de uma leitura corporal pondera que,

Alguns já disseram que o corpo não mente. Mais que isso, ele conta muitas histórias e em cada uma delas há um sentido a descobrir. Como o significado dos acontecimentos, das doenças ou do prazer que anima algumas de suas partes. O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda. (LELOUP, 2002:15)

Leloup percorre a história trazendo o simbolismo de cada parte do corpo, não só as partes visíveis como os órgãos internos, de acordo com a cultura de vários povos. Por vezes, utiliza-se do simbolismo do corpo nos preceitos bíblicos, tornando-se, a meu ver, difícil de aplicar o que ele coloca em uma sala de aula, pois, além da diversidade de interpretações, temos que levar em consideração a realidade atual dos alunos.

Para se ter uma idéia da variedade das interpretações dos símbolos corporais ele pontua a simbologia dos pés, dos tornozelos, joelhos, pernas (pernas e coxas), a região sagrada (ânus); os genitais; o ventre, o fígado e as vias biliares, o estômago, o baço, o pâncreas, os rins; a coluna vertebral, a medula dos nossos ossos; o coração e os pulmões, o pescoço, a nuca, as mãos, a cabeça.

Para dimensionarmos a complexidade desse simbolismo, apresentamos o exemplo da simbologia dos pés apresentada por Leloup (2002), que é interpretada por vários estudiosos.

Para Freud, o pé teria um significado fálico e o sapato seria um símbolo feminino. Cabe ao pé adaptar-se ao sapato [...] ou procurarei um pé que caiba neste sapato. Nesta percepção, o pé é um símbolo erótico tanto nos povos primitivos quanto civilizados,

podendo ser considerado como um excitante sexual. [...] Para Paul Diel, o pé é o símbolo da nossa força. É o suporte que temos para permanecermos eretos. [...] Os cabelos são nossas raízes no céu. Os cabelos são como antenas que às vezes nos permitem captar mensagens. E quando os cabelos e os pés estão juntos, simbolizam um momento de *conjunctionis*, como dizia Jung. Uma conjunção, uma união dos opostos, uma integração entre o céu e a terra. [...] Para a tradição hebraica, onde o pé tem o mesmo nome usado para festa, regalo (*Reguel*), os pés podem ser a porta de entrada da alegria em nosso corpo. [...] Na África o pé é o ponto de apoio do corpo no mundo. É um símbolo de poder. [...] A palavra pé, *podós* em grego, está estreitamente relacionada a palavra *paidós*, usada para significar criança. Assim, um pedagogo é um especialista que cuida dos pés do ser humano, desde que cuidar dos pés de alguém significa cuidar da criança que está nele. (LELOUP, 2002:29 à 34)

Já Weil (2004) mostra, por meio das ilustrações, caminhos para as várias interpretações do corpo. Mas essas interpretações variam muito de situação para situação não constituindo uma maneira segura de aplicação na prática pedagógica.

Mas não deixa de ser interessante sua maneira de realizar a leitura corporal.

Reforça inicialmente a importância da linguagem corporal

Desde tempos imemoriais, usamos símbolos – mensagens sintéticas de significado convencional. São como ferramentas especializadas que a inteligência humana cria e procura padronizar para facilitar a sua própria tarefa – a imensa e incansável tarefa de compreender. (WEIL, 2004:25)

Coloca que os “símbolos são as ferramentas da mente” (WEIL, 2004:23). E que um símbolo antigo, referindo-se à esfinge egípcia ou assíria, “dá-nos a estrutura psicossomática do homem e da linguagem do nosso corpo” (WEIL, 2004:23).

Busca, na esfinge assíria, a de Khorsabad, chamada Kerub, que é composta de quatro partes: corpo de boi: tórax de leão, asas de águia, cabeça de homem, a base para interpretar que o corpo fala.

Segundo Weil (2004) existe uma tradição antiga onde cada uma das partes da esfinge representa uma parte do físico do homem e também a sua correspondência psicológica, que não mudaram muito, desde sua origem até as interpretações na Psicologia Moderna.

O esquema desta tradição considera que: o Boi, que é a região do abdômen, representa a vida instintiva e vegetativa; o Leão que é o Tórax está ligado à vida emocional; a Águia, a cabeça, demonstra a vida mental (intelectual e espiritual) e o Homem representa o conjunto, a consciência e domínio dos três inconscientes anteriores. (WEIL, 2004:27)

Weil convida o leitor de seu livro *O Corpo Fala* a “se habituar a perceber em vez de apenas olhar” o corpo, pois até então “a linguagem do corpo é apenas estudada em livros” (WEIL, 2004:39).

Uma posição das partes do corpo pode ter mais de uma interpretação o que torna um dado complicador para as pessoas menos experientes, ou iniciantes na leitura corporal. Tem a ver com a percepção de quem observa e carece de muito treino segundo Weil (2004).

Como exemplo Weil (2004) nos traz que:

O boi, quando colocado em evidência na nossa expressão corporal, tende a se traduzir por uma acentuação do abdômen. A pessoa avança o abdômen; isto se encontra em gente que gosta de boas refeições, que se senta à vontade diante de uma farta mesa de jantar. No plano sexual temos o famoso requebrar das mulheres brasileiras e havaianas; é uma provocação para os homens. Estes por sua vez, engancham os polegares no cinto, com os outros dedos apontados para os órgãos genitais; é uma maneira de se oferecer. (WEIL, 2004:28)

Mais adiante, complementa que “o leão se evidencia pelo tórax onde reside o coração; é o centro das emoções. Os especialistas em expressão corporal, sobretudo os coreógrafos, o consideram como o centro do EU”. (WEIL, 2004:30)

Referindo-se à águia, representada pela cabeça, nos indica o estado de controle do corpo pela mente sendo que a cabeça erguida significa hipertrofia do controle mental e a cabeça baixa significa que o indivíduo é controlado pelos estímulos externos e a cabeça em posição normal indica um controle normal da mente. (WEIL, 2004:34)

Para Weil (2004), quando duas pessoas conversam descontraidamente e “instintivamente cruzam e descruzam pernas, tomam diversas posições de braços e tórax, uma praticamente imitando a outra. Isto sem dúvida é sinal de simpatia entre ambas” (WEIL, 2004:43).

Seguindo a mesma linha de raciocínio baseado na representação da figura da esfinge e a interpretação dada relacionado com o ser humano, o autor complementa sua abordagem

Na própria cabeça temos representados os três animais: o boi, representado pela boca por onde entram os alimentos; o leão, representando pelo nariz onde entra o oxigênio para os pulmões; a águia representada pelos olhos e são o espelho da mente; a região ocular é de imensa importância expressiva; revela, como todos sabem, a atitude da mente. Sobrancelhas abaixadas: concentração, reflexão, seriedade; sobrancelhas levantadas: surpresa, espanto, alegria. (WEIL, 2004:47)

Faz também uma interpretação dos lábios ligados à tristeza ou alegria dependendo de sua posição: “arqueados para cima: prazer, alegria, satisfação; arqueados para baixo: desprazer, tristeza, insatisfação” ou ainda “em bico: dúvida, contrariedade, raiva” (WEIL, 2004:48)

Como pode ser verificado, são várias as interpretações de cada parte do corpo. Mas numa leitura um pouco mais condizente é necessário levar em consideração se as posições destas partes estão em harmonia, que “é a disposição das partes de um todo: concórdia, concordância”; ou em desarmonia que “é má disposição das partes de um todo: discordância” (WEIL, 2004:64).

Fica difícil descrever simplesmente o que Weil coloca, pois em seu livro, *O Corpo Fala* (2004) ele recorre às ilustrações de Tompakow para auxiliá-lo na leitura corporal.

Tanto Leloup (2002) quanto Weil (2004) mostram que suas considerações a respeito da linguagem corporal não têm que ser seguidas rigidamente como um manual. Nem pretendem que esta leitura seja aplicada a todo tipo de pessoa ou situação de maneira generalizada.

Expusemos as posições destes dois autores apenas como ilustração, pois a leitura simbólica do corpo, que eles apresentam, pode talvez auxiliar o professor a enxergar de maneira mais profunda os corpos dos alunos que eles têm diante de si.

Neste capítulo vimos que os professores pesquisados reconhecem a linguagem corporal como instrumento para a prática pedagógica. Alguns professores já a utilizam, mesmo que embrionariamente, na rotina com seus alunos. Apontamos, então, alguns subsídios que possibilitem a utilização da linguagem corporal na relação pedagógica.

Conclusão

A visão dual, que percorre toda a história do pensamento ocidental, provoca uma cisão no ser humano: de um lado, o logos, o espírito, as idéias, a alma; do outro, a matéria e o corpo. Surgem então o logocentrismo platônico, o espiritualismo cristão, o racionalismo cartesiano, e seus desdobramentos posteriores, que endeusam a razão e desqualificam a matéria e o corpo.

Por isso, corpo e corporeidade, ao longo da história, foram colocados sob suspeita. Também na história não faltaram visões reabilitadoras do corpo.

Mas coube à modernidade e à pós-modernidade, sob vários ângulos, filosóficos, biológicos, psicológicos, antropológicos, reabilitar o corpo e a corporeidade.

Essa valorização começa a penetrar, lentamente, no campo educacional. Mas há um longo caminho a percorrer para se perceber “que toda aprendizagem tem uma inserção corporal. Não existe mentalização sem corporalização. Por isso, o corpo aprendente é a referência fundante de toda aprendizagem” (ASSMANN, 1995:47).

Mais longa ainda é a via para se chegar a acolher a linguagem corporal como algo fundamental na educação escolar. Por isso, neste trabalho, quisemos oferecer alguns subsídios para essa caminhada.

Para tanto, foi necessário, depois de descrevermos os percalços do corpo e da corporeidade, seu aviltamento e sua recuperação, adentrarmos na linguagem, fazendo o resgate de sua história, a fim de sinalizar os seus fundamentos e a sua importância no caminho evolutivo do ser humano, a sua caracterização, o seu papel na comunicação.

A partir da distinção entre comunicação verbal e não verbal, fizemos a passagem para aprofundar a linguagem corporal. Vimos que esta linguagem acompanha o ser humano desde o nascer até o final de sua vida. Ela tem profundas raízes no biológico, desponta também da cultura e a impregna.

Depois desses preâmbulos histórico-teóricos, fomos em busca do ponto central da nossa pesquisa, a relação entre linguagem corporal e educação escolar.

A primeira pergunta é se esta relação existe. Nenhuma pesquisa e nenhum trabalho teórico vieram a subsidiar a nossa busca. Por isso, decidimos ir a campo para sondar se em algum setor da prática pedagógica, esta relação esteja acontecendo. Dadas as limitações de tempo para a pesquisa, a sondagem limitou-se a “ouvir” professores do E.F.I que já tinham

um conhecimento prévio da linguagem corporal e que pelo menos tentavam utilizá-la de alguma maneira na prática pedagógica.

Valemo-nos, primeiramente, de questionários e entrevistas semi-abertas com professores que atuam em algumas escolas particulares e públicas na cidade de São Paulo para coletar estes dados iniciais. Ao analisarmos as “falas” dos professores percebemos que eles acham necessária a leitura corporal no seu cotidiano escolar, apontam que esta leitura contribui para melhorar a aprendizagem do aluno.

Posteriormente, sentimos a necessidade de observar como a linguagem corporal estava sendo utilizada nas salas de aula. Foram observadas oito salas, duas de cada série, do E.F.I do Colégio Penha de França e notamos que existe uma utilização ainda embrionária da linguagem corporal na relação com seus alunos no cotidiano escolar.

Os professores preocupam-se com as questões relacionadas ao corpo, dão a oportunidade a seus alunos de se expressarem mais livremente, não exigem rigidez na postura do aluno em sala de aula e buscam aproveitar o que a leitura corporal possa revelar para reverter em benefício da aprendizagem deste aluno.

Esbarramos na falta de embasamento teórico. Os professores não apontaram nenhuma bibliografia que norteia esse olhar. Desconhecem autores que possam aproximar a linguagem corporal à educação escolar.

Notamos, nestas observações, que existe o reconhecimento da importância da linguagem corporal na prática pedagógica. Uma preocupação por parte destes professores em utilizar a leitura corporal como auxiliar no processo ensino-aprendizagem, mas carecem de aprofundamento e embasamento teórico, até o presente momento inexistente.

Por isso, em nosso trabalho, a partir dos dados teóricos colhidos, apontamos alguns subsídios para os professores lidarem com a linguagem corporal na prática pedagógica.

Nossa pesquisa, embora limitada nas análises teóricas e restrita no campo empírico, quer ser um início de caminhada e uma abertura de horizontes em uma temática que, infelizmente, ainda está longe de ocupar o lugar que merece no espaço escolar.

Dado que a linguagem corporal acompanha o ser humano ao longo da sua vida, é preciso tirá-la do anonimato, valorizá-la e utilizá-la em todas as áreas do ensino-aprendizagem, de tal forma a reconhecer-lhe o lugar fundante que lhe cabe na relação pedagógica e no cotidiano escolar.

Anexo I

Informações sobre o Colégio

Informações fornecidas pela secretária: C.

Dia: 09.11.04

Razão social: E.E.I. Árvore Encantada

Nome fantasia: Colégio Penha de França

Fundada há mais ou menos 11 anos com o nome de Escola de 1º grau Penha de França, localizada à Rua Mª Teresa Assunção, 441/437 no bairro da Penha, na cidade de São Paulo-SP. Passou a ser Colégio em 1996.

Iniciou suas atividades como educação infantil. Hoje funciona a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio.

O Ensino Infantil funciona de manhã e à tarde. Ensino Fundamental II e Ensino Médio, pela manhã. Ensino Fundamental I à tarde.

O Colégio oferece ainda: Laboratórios de Ciências, Informática, Inglês. Possui duas quadras poliesportivas, sendo uma coberta e piscina.

Oferece acompanhamento para os alunos com psicóloga, fonoaudióloga, psicopedagoga.

Atualmente o Colégio tem 500 alunos matriculados, aproximadamente, e basicamente duas salas de aula para cada série.

Anexo II
I Questionário sobre linguagem corporal
(teste 1)

Nome: A.G.S.G.

Escola que trabalha: Externato Santa Terezinha

Série que leciona: 3ª do E.F. I

1- Você acha que o corpo tem uma linguagem?

R- Sim. O corpo fala de diversas formas, com gestos, sentidos, sensações.

2- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula?

R- Sim, sempre.

3- Você percebe o corpo do aluno em sala de aula?

R- Sim, eles se movimentam o tempo todo e eu não somente permito, como também incentivo para minhas observações pessoais.

4- Você observa as atitudes corporais em sala de aula?

R- Sim, isto é de grande importância, porque eu só os vejo em sala de aula, mas fora de lá existe um outro momento, o relacionamento em casa. Inúmeras vezes, estas crianças são impedidas de manifestarem-se em casa e a escola se torna o último refúgio. Através destas observações, é integralmente possível descobrir se aquelas atitudes de indisciplina podem ser resolvidas com um simples gesto de amor e carinho por parte do educador. Por vezes há necessidade de uma lapidada impondo limite, porque a criança sempre pede limite, ela quer ser ajustada e se não há o ajuste em casa é ao professor que ela irá pedir, com suas atitudes.

5- Você acha importante refletir sobre essas atitudes? Por quê?

R- Sim, como respondi na anterior, esta ferramenta dá ao professor as condições necessárias para ele ajudar o desenvolvimento da criança como cidadã na sociedade escolar e fora dela.

6- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica?

R- Perfeitamente, quando iniciei nesta escola e série, no início desde segundo semestre, utilizei recursos para chegar o mais próximo possível do interior de cada criança, sem assustá-los. Um dia tomei a apostila de trabalho e usando um simples fantoche, sem me ocultar, sentei-me numa cadeira à frente deles e naturalmente li a história. As crianças arregalaram os olhos, pararam os movimentos e muito atentas falavam com o fantoche, mesmo vendo-me, toda aquela linguagem me dizia: - Prô, o que mais iremos fazer hoje? Eu estou muito feliz! Deu para perceber o quanto sou carente? Uma menina debruçou a cabeça sobre a mesa e respirou profundamente, como quem sente um grande alívio e agrado pela nova professora. Tudo isto aos poucos fui ouvindo deles, das outras professoras e de uma mãe. Exatamente como aqueles corpos havia me contado aquela linguagem corporal.

7- Como isso poderia ser feito?

R- Da forma como respondi as anteriores, a observação atenta é o caminho. Quando eles se chutam, gritam ou circulam pela sala desordenadamente, é sinal de que existe uma angústia e eles com estas atitudes estão pedindo socorro, tirem isto que me aflige. Eles são pequenos não conhecem a vida e nem o mundo que os espera. Cabe ao educador, ao menos, tentar ajudar, ainda que seja como o pássaro que com o bico levava a água para apagar o incêndio da floresta. Todo o ser humano precisa de amor e a linguagem corporal é a única forma, quando não se sabe como pedir.

(Complementação)

8- O que você entende por linguagem corporal?

R- E o indivíduo que transmite mensagens através de movimentos, gestos com o corpo e não pela fala.

9- O que você sugere para se trabalhar a linguagem corporal na relação pedagógica?

R-. Que o professor comece a observar os gestos e movimentos de seus alunos, muito mais do que a expressão oral. Aprimore o sentido da visão mais do que o da audição. Muitas vezes os olhos podem ouvir mais do que os ouvidos, já que as crianças reprimidas têm muita dificuldade em falar usando a linguagem falada e a corporal sai naturalmente.

Anexo III
I Questionário sobre linguagem corporal
(teste 2)

Nome: G.G.O.

Escola que trabalha: E.M.E.F. Coronel Romão Gomes

Série que leciona: 3ª série do E.F. I

1- Você acha que o corpo tem uma linguagem?

R- Sim, o corpo pode nos orientar em alguns pontos importantes.

2- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula?

R- Regularmente.

3- Você percebe o corpo do aluno em sala de aula?

R- Observo e noto que os alunos com dificuldade de aprendizagem tende ser mais retraído e isso se reflete em suas articulações.

4- Você observa as atitudes corporais em sala de aula? Quais?

R- Sim, posição ao andar, brincar, apagar a lousa e dirigir-se aos colegas e as atividades físicas.

5- Você acha importante refletir sobre essa linguagem corporal? Por quê?

R- Muito importante, pois, poderá contribuir no processo de recuperação da aprendizagem com atividades que através das expressões corporais, se desenvolvam.

6- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica?

7- Como isso poderia ser feito?

R – (6 e 7) É possível, criando atividades corporais para a assimilação prática dos assuntos estudados.

II Questionário sobre linguagem corporal

Complementação

Formação: Magistério, Pedagogia (cursando)

Quanto tempo de formado: 8 anos

Escola pública ou particular? Pública

Há quanto tempo? 1a3m (7 anos na rede estadual)

1- O que você entende por linguagem corporal?

R- Linguagem corporal é a expressão do ser além da voz, é a percepção da comunicação através do movimento e reações do corpo.

2- Você acha que o corpo tem uma linguagem? Qual?

3- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula? Como?

4- Você acha importante refletir sobre essa linguagem corporal? Por quê?

5- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica? De que maneira?

6- O que você sugere para se trabalhar a linguagem corporal na relação pedagógica?

R- Brincadeiras lúdicas para explorar o movimento e criação como: cobra-cega. Danças, mímicas, imitação de pessoas e animais, dramatização, etc...

7- Você considera que a leitura dessa linguagem corporal pode contribuir para melhorar a aprendizagem desse aluno? Como isso poderia ser feito?

8- Você utiliza a linguagem corporal na sua prática? Como?

OBS: respondeu apenas a 1ª e a 6ª questões, pois as outras constam no questionário anterior (teste 2)

Anexo IV

II Questionário sobre linguagem corporal

Nome: M.E.B.M.

Formação: Graduada em Matemática

Quanto tempo de formada: 13 anos

Escola que trabalha: E.E. Parque Rodrigues Barreto II e EMEF Francisco Beraldo Filho

Escola pública ou particular? Pública

Há quanto tempo? Estadual 13 anos e Municipal 6 anos

Série que leciona: 1ª e 4ª séries do E.F. I

1- O que você entende por linguagem corporal?

R. Toda forma de expressão em que você se comunica, mostrando seu estado espiritual e emocional.

2- Você acha que o corpo tem uma linguagem? Qual?

R- Sim, a linguagem emocional que nos permite detectar o sentimento das crianças, isto é possível pois a maioria das crianças não escondem o que sentem.

3- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula? Como?

R- Percebo, costumo observar a forma de se expressar da criança através dos olhos, porque eu acredito é que são os olhos que combinam com a palavras proferidas.

4- Você acha importante refletir sobre essa linguagem corporal? Por quê?

R- Sim, podemos até mesmo mudar a vida de uma criança, isto é, levá-la a acreditar no seu potencial, porque quando entendemos a criança não dizemos coisas que poderão prejudicá-las amanhã.

5- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica? De que maneira?

R- Acredito, porque quando conversamos com os alunos, podemos utilizar de tais situações para o crescimento da sala.

6- O que você sugere para se trabalhar a linguagem corporal na relação pedagógica?

R- Sugiro ver a criança como um ser que pensa, tem sentimentos, idéias, poder de criação e que deve ser respeitada e tratada como um ser humano que é.

7- Você considera que a leitura dessa linguagem corporal pode contribuir para melhorar a aprendizagem desse aluno? Como isso poderia ser feito?

R- A leitura corporal é natural de cada ser, e através da observação de tal leitura fica mais fácil compreender o aluno e não rotulá-lo.

8- Você utiliza a linguagem corporal na sua prática? Como?

R- Sim, sou bastante comunicativa e faço uso constante da linguagem corporal, porque isso às vezes é fundamental. Ex. Meu aluno R, tem uma mãe com problemas psíquicos e não aceitava toques, até que um dia ele leu para mim eu o abracei, beijei e disse o quanto me sentia feliz, hoje ele ficou mais maleável. Tenho certeza precisamos fazer uso da linguagem corporal.

Anexo V

II Questionário sobre linguagem corporal

Nome: D.D.

Formação: História 5 anos – Magistério – 38 anos

Quanto tempo de formada: 38 anos

Escola que trabalha: Oswaldo Aranha Bandeira de Mello

Escola pública ou particular? Municipal

Há quanto tempo? Municipal 3 anos e Estadual 14 anos

Série que leciona: 2ª série do E.F. I

1- O que você entende por linguagem corporal?

2- Você acha que o corpo tem uma linguagem? Qual?

R. (1 e 2) É toda forma de expressão em que podemos nos comunicar sem falar. Nosso corpo revela afetividade, na maioria das vezes, logo estamos nos expressando corporalmente.

3- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula? Como?

R. Sim. Muitas vezes vejo alunos trocando olhares cheios de carinho. As crianças se tocam.

4- Você acha importante refletir sobre essa linguagem corporal? Por quê?

R. Sim. Dependendo da forma como a criança se expressa corporalmente podemos orientá-la para a postura mais adequada. Ex. eu tenho alunos que sempre passam a mão no bumbum das meninas e meninos.

5- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica? De que maneira?

6- O que você sugere para se trabalhar a linguagem corporal na relação pedagógica?

R- (5 e 6) Muitas vezes na sala de aula eu trabalho com placas e cartazes em que os alunos tem que resolver uma situação sem falar. Costumo também no final da aula criar situações em que os alunos se abraçam porque acho o toque importante. Muitas vezes os adultos têm dificuldade de expressar o que sentem às pessoas que amam.

7- Você considera que a leitura dessa linguagem corporal pode contribuir para melhorar a aprendizagem desse aluno? Como isso poderia ser feito?

R- A linguagem corporal ajuda ou obriga o aluno buscar recursos de expressão sem usar a fala. Podemos notar que algumas crianças têm dificuldades para se expressar.

8- Você utiliza a linguagem corporal na sua prática? Como?

R. (vide respostas 5 e 6)

Anexo VI

II Questionário sobre linguagem corporal

Nome: E.A.M.S.S.

Formação: Letras

Quanto tempo de formada: 2 anos

Escola que trabalha: E.M.E.F. Oscar Ferreira de Godoy

Escola pública ou particular? Municipal

Há quanto tempo? 6 anos

Série que leciona: 2ª (E.F. I)

1- O que você entende por linguagem corporal?

R. É uma maneira de se expressar utilizando o corpo, como por ex. apontar, empinar o nariz, balançar a cabeça, esquivar-se. Todas essas atitudes demonstram sentimentos.

2- Você acha que o corpo tem uma linguagem? Qual?

R- Sim, pois quando falamos não ficamos parados como um robô. Às vezes não precisamos nem falar e nossas atitudes nos “entregam” num olhar, uma perna que balança demais ou uma inquietude.

3- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula? Como?

R. Sim. As crianças mais expressivas, por exemplo, também mais inquietas, mas isto não é uma regra. Há crianças expressivas que são mais comportadas. Outras crianças demonstram problemas em casa e comportamentos até mesmo dos pais, utilizando-se da linguagem corporal. Por ex. o modo de andar, que imita o pai, a insegurança causada pela repressão ou exigência exagerada, o choro porque os pais vão “brigar com ele”, etc...

4- Você acha importante refletir sobre essa linguagem corporal? Por quê?

R- Sim. Muitas vezes não damos atenção a essa linguagem, mas é importante refletir sobre elas porque elas falam mais do que a própria boca.

5- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica? De que maneira?

R. Sim, é possível, respeitando essa linguagem. Acho que deveríamos ter um direcionamento para aproveitar melhor tal linguagem.

6- O que você sugere para se trabalhar a linguagem corporal na relação pedagógica?

R- Trabalhar com mímica, teatro.

7- Você considera que a leitura dessa linguagem corporal pode contribuir para melhorar a aprendizagem desse aluno? Como isso poderia ser feito?

R- Sim. Idem ao 4 e 5.

8- Você utiliza a linguagem corporal na sua prática? Como?

R- Por meio de teatro, mímica, na educação física, tratando os alunos com carinho, abraçando-os, beijando-os e principalmente ensinando-os que são livres mas responsáveis por essa liberdade.

Anexo VII

Entrevista sobre linguagem corporal

V. é professora da 4ª série do Colégio Penha de França. Também é professora universitária e coordena o núcleo de estágio do curso de Pedagogia da Faculdade Oswaldo Cruz.

Ela desenvolve um trabalho com suas alunas que visa a linguagem corporal. Primeiramente ela solicita que as alunas observem a criança em seus movimentos, sua postura, expressão corporal.

Depois disso, solicita e orienta a preparação de um projeto de intervenção para sanar as dificuldades de aprendizagem com essas crianças. Tudo o que será desenvolvido com as crianças primeiro as alunas vivenciam em sala de aula. Sempre as dificuldades são trabalhadas de forma lúdica. Deu exemplo do conceito de ç, primeiro as alunas contaram uma história, que representavam essa dificuldade, quando os alunos iam escrever com ç eles lembravam da história.

Os projetos são preparados com atividades lúdicas, dramatização. Num primeiro momento não salientando as dificuldades do aluno.

O objetivo da primeira observação com a linguagem corporal é a de refinar o olhar do futuro professor que vai atuar com as crianças.

A profª. V. utiliza a linguagem corporal em suas aulas quer com os alunos da 4ª série ou com os do E.F. II. Afirma que de acordo com sua experiência em sala de aula, o aluno que tem problemas de aprendizagem demonstra primeiramente em sua postura, seu corpo. É mais irrequieto, movimenta-se mais pela sala, parece esquivar-se quando a professora lança uma pergunta que vai ao encontro com sua dificuldade.

Questionada sobre algum autor ou curso de capacitação que embasa essa leitura ela informou que os autores que falam sobre dificuldade de aprendizagem dão as dicas.

Durante suas aulas na faculdade ela também faz a leitura corporal, percebe sua aluna que chega triste, questiona e descobre que a aluna está com algum problema. Ela deixa claro que entende os problemas das alunas, mas não passa a mão na cabeça, mesmo que esse problema gerou um atraso na entrega de algum trabalho ela pontua e chama a atenção para a responsabilidade.

A observação de V. é voltada para detectar os problemas de aprendizagem e numa reflexão de como poderia estar utilizando suas informações para minha pesquisa, visando a aprendizagem. Ela comentou sobre um trabalho que está realizando com seus alunos de 4ª série que exemplifica a situação de aprendizagem. Pensando a linguagem corporal ela dá oportunidade para os alunos se movimentarem e utilizarem o corpo no processo de aprendizagem. Como exemplo, solicitou uma pesquisa sobre o que o Governo Lula está fazendo pelo Brasil.

Os alunos pesquisam individualmente, trazem a pesquisa para a escola numa data determinada e neste dia eles vão para a quadra de esporte com a pesquisa individual, ela leva material necessário (papel craft, pincel atômico, cola, revistas, jornais, etc) para eles montarem um painel para posterior exposição no corredor da escola. Os alunos utilizam o espaço da quadra como quiserem, sentados no chão, ou em cima de bancos. A formação dos grupos não é pré-estabelecida pela professora, os alunos escolhem com quem querem trabalhar. Discutem as idéias, escolhem as que vão constar do painel e o confeccionam. Podem escrever, fazer colagens ou desenhar.

No corredor estavam expostos dois trabalhos realizados da mesma maneira. Um sobre alimentação onde os alunos trouxeram embalagens vazias dos produtos que consomem em casa e colaram numa folha grande num trabalho da classe. O outro era sobre as eleições onde formaram grupos menores.

Anexo VIII

Entrevista sobre linguagem corporal

Nome: M. M.

Escola que trabalha: E.M.E.F. Infante Dom Henrique

Escola pública ou particular? Municipal

Prof^a. de Educação Física

Linguagem corporal

Segundo G.O.Tani. “O movimento corporal é visto como um elemento essencial na aprendizagem, visto que é através dele que o ser humano explora o ambiente, e isto é muito importante para a percepção e para a aprendizagem. A lateralidade, a imagem corporal, a eficiência postural, a locomoção, percepção auditiva, visual são consideradas componentes da execução de movimentos, tendo um papel significativo no desenvolvimento cognitivo”.

Como se pode ver, a cognição e a capacidade para movimentar-se são coisas distintas e intimamente relacionadas de forma complexa e dinâmica.

Diante disto se o cognitivo está relacionado com o movimento, verificamos que a linguagem corporal é o meio pelo qual o indivíduo domina e compreende o espaço, seu corpo e a si mesmo.

Como podemos lidar na sala de aula com essa linguagem corporal?

Para que o professor compreenda o que deve ser ensinado ele deverá experimentar e procurar o auto-conhecimento, caso isto não aconteça ele não poderá entender o outro e o mundo.

Então o que podemos fazer?

Por exemplo: em uma sala de aula de 1º ano, a professora não conseguia andar com a matéria e estava atingindo bem pouco na alfabetização dos alunos. Então esta professora começou a observar os seus alunos. Verificou que muitos deles não sabiam sentar na cadeira, utilizar a carteira, não conseguia encontrar o seu corpo no espaço, não sabiam utilizar os

cadernos mesmo depois de várias explicações. A professora entendeu que, como poderia querer que esses alunos entendessem como é feita a letra “A” se eles mesmos não se entendem.

Resolveu que antes de tudo deveria trabalhar o movimento corporal destas crianças. Levou-os para a quadra e começou a ensinar noções de espaço, em cima, em baixo, dentro, fora, lateralidade, coordenação motora, etc. Depois deste trabalho, ela verificou que os alunos já conseguiam usar melhor a cadeira, a carteira, conseguia usar adequadamente o seu caderno e até o relacionamento de um com o outro.

Normalmente, os pais das crianças matriculam os seus filhos na escola, esquecem que seus filhos não é só cabeça, esta criança é um todo. Um conjunto com seu corpo. Antes de querer que esta criança seja um gênio da leitura e da matemática, deverá entender que o mais importante para essa criança neste momento é a leitura do seu corpo.

A criança deve aprender a conhecer o seu corpo, o lugar que ele ocupa no mundo. A partir daí, poderá compreender o mais específico, utilizando os recursos corporais de forma dinâmica com seus recursos cognitivos e emocionais.

Anexo IX

Entrevista sobre linguagem corporal

Nome: K.A.S.P.O.

Escola que trabalha: E.E. Cronista Rubem Braga

Série que leciona: 1ª série (E.F.I)

Obs. Trabalha há vinte anos como professora e prefere lecionar para a 1ª e 2ª série

1- Você acha que o corpo tem uma linguagem?

R- Sim. O corpo fala muitas coisas para nós.

2- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula?

R- Sim.

3 - Você observa as atitudes corporais em sala de aula?

R- Sim.

4- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica?

R- Sim.

5- Como isso poderia ser feito?

R- Percebendo que naquele dia o aluno não está bem, chamando-o para si, dando carinho, atenção e propondo atividades que o façam se movimentar em sala de aula. Por exemplo teve um dia que o aluno chegou na aula e ficou quieto na carteira, sem participar da aula. Propus uma atividade com música: o cravo brigou com a rosa e o aluno aos poucos foi relaxando e participando da aula.

6- Você percebe que a linguagem corporal pode melhorar a aprendizagem do aluno? De que maneira?

R- Quando você consegue a confiança desse aluno e conseguir confiança é saber o que está acontecendo com ele, o que o corpo está falando e você traduz essa linguagem, busca algumas estratégias para sensibilizar o aluno, ele desperta o interesse e começa a se soltar e interessar em aprender.

7- Essa linguagem ocorre só com seus alunos de 1ª série?

R- Não. Tenho uma turma de 15 a 19 anos que é sala de reforço e tem um adolescente, ele não é aluno, mas acompanha o primo e como ele estava na sala de aula, ficava isolado, como quem diz, eu não preciso disso aqui. Solicitei que participasse da atividade. No início ele recusou, mas fez e como fiquei sabendo que ele gostava de rock, na aula seguinte levei várias revistas para ele que seria um prêmio para quem acertasse a atividade. A revista seria como um doce para uma criança. Como ele fez a atividade deixei que ele levasse a revista emprestada. No dia seguinte ele mostrou interesse em uma figura que estava na revista e perguntou se podia recortar. Informei que sim e ele comentou: - Perguntei só pra ver se você dizia não. O que ele quis dizer com isso? Que provavelmente na casa dele é assim que ele se relaciona com os demais, sempre sendo podado em fazer alguma coisa. No dia seguinte ele trouxe seu caderno e ele compõe música, e é bem talentoso, tem futuro se alguém o incentivar. São músicas críticas à sociedade em geral. Ele tem futuro.

8- Você nota que outros professores também têm essa leitura corporal?

R- Os das primeiras séries sim, mas de 3ª e 4ª já são mais rígidos, não estão nem aí com os alunos.

9- Você tem apoio ou crítica da coordenação/direção por agir assim?

R- Olha eu trabalho sozinha. Não me dou com o coordenador, acho que ele se formou coordenador para sair da sala de aula. Não tem um “pingo” de humanidade, não se envolve com os professores, não acrescenta nada. Só sabe trazer as coisas prontas para a Secretaria de Ensino. Não discute, não argumenta, não troca. Já fui coordenadora durante 4 anos, não quis mais devido a professores serem muito reticentes nas suas colocações e acharem que eu queria saber mais que eles.

Anexo X

Relatório de observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 1ª série – E.F. I

Nome da Profª: L.

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 08.11.04

Horário: 13:15 às 14.05 hs. – 1ª aula

A programação é aula de Educação Física que é dividida da seguinte maneira: uma professora dá aula de natação e outra de atividades físicas diversas. Metade dos alunos fica com a professora com atividades físicas, e o restante vai com a outra professora para natação, na semana seguinte trocam. Quem fez natação, faz outra atividade física e vice-versa, mas a professora responsável pelas atividades físicas está viajando com os formandos. Apenas os alunos que fariam natação foram com a professora. Os outros ficaram em sala de aula.

A profª. L. propõe atividade livre, onde os alunos utilizam a lousa como quiser ou pegam jogos no armário.

A princípio deixa os alunos dividirem a lousa para que todos possam utilizá-la, mas como não obteve sucesso ela mesma dividiu em 8 partes.

Alguns alunos brincam de forca, outros desenharam. Apenas dois alunos ficam jogando, um deles está com o braço direito engessado.

Na atividade livre nota-se os alunos comportados, solidários, participativos, respeitam o espaço do outro. A professora sai da sala para conversar com outra professora e os alunos continuam a realizar a mesma atividade. Os desenhos são parecidos, reis e rainhas. Alguns alunos passam a brincar de jogo da velha, quem estava brincando de forca passa a desenhar e vice-versa.

Uma aluna pega a cadeira para escrever mais no alto da lousa, outros 3 alunos a imitam.

A professora volta para sala e comentei o fato da disciplina, ela informa que seus alunos já freqüentaram a pré-escola e estão acostumados com o rotina da escola. Os poucos que vem de fora acabam entrando no ritmo da escola.

Anexo XI

Relatório de observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 1ª série – E.F. I

Nome da Profª: L.1

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 09.11.04

Horário: 14.05 às 14.55 hs. – 2ª aula

A professora auxilia os alunos na auto-correção. As atividades foram passadas para casa. Ela corrige com o auxílio dos alunos respondendo e eles próprios colocam certo no caderno/livro e se erram, apagam e colocam a resposta certa.

Há 15 alunos em sala de aula. O alunos demonstram estar sentados bem a vontade. Alguns ficam em pé próximo à carteira. Quando a professora refere-se ao período de gestação da baleia uma criança pergunta sobre a gestação do bebê humano e a professora devolve a pergunta para a sala e eles respondem que é de 9 meses.

Alguns alunos responderam as atividades no livro, outros responderam no caderno. Outros não fizeram a atividade e não podem participar da auto-correção.

A professora movimenta-se pela sala enquanto faz as correções.

Alguns exercícios (adição com dois algarismos) são corrigidos na lousa pelos alunos e eles ficam na ponta dos pés para escreverem mais no alto. Contam nos dedos para chegar ao resultado.

Anexo XII

Relatório de observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 2ª série – E.F.I

Nome da Profª: E.

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 08.11.04

Horário da Observação: 15:15 às 16:05 hs. –3ª aula

Ao entrar na sala de aula a coordenadora N. apresenta-me aos alunos como uma pessoa que vai observar o comportamento deles. Sento-me numa carteira próximo à janela, na mesma direção da mesa da professora.

A professora está sentada à mesa corrigindo alguns exercícios enquanto os alunos fazem atividades de português. Na lousa estão as atividades, que os alunos desenvolverão durante a aula, escrita com giz branco. Um risco de cor azul divide as tarefas. Umas são para dar o plural, outras o feminino, outras o masculino das frases. Alguns alunos percebem que o giz azul separa os diversos tipos de atividades e comentam com a professora.

Sala mais irrequieta (17 alunos). Alguns alunos se preocupam mais com os próprios colegas do que em copiar a atividade da lousa. Segundo a professora estão irrequietos porque iam ao passeio (Horto Florestal) e por causa do tempo chuvoso, o passeio foi cancelado. Alguns alunos levantam-se para ir próximo à lousa a fim de ver o que está escrito. Uma aluna percorre a sala oferecendo balinha aos colegas. A professora permite.

Um aluno pergunta quem eu era e a professora pede para ele ficar em silêncio. Os alunos continuam copiando as atividades da lousa e a professora corrigindo as tarefas. Por várias vezes chama a atenção dos alunos, pois ficam criticando uns aos outros, preocupados com o que o colega está fazendo, que parte da lição está copiando, quem está atrasado. Outra aluna, sentada próximo a mim, pergunta minha profissão, respondo que sou professora. – De que série? Respondo que dou aula para alunos que frequentam a faculdade. A professora olha

em nossa direção, denotando reprovação, solicito à aluna para que continue a fazer sua lição. Volto a observar os alunos.

Um outro aluno está brincando com um pedaço de papel, ora limpa a carteira, ora coloca o papel na cabeça. A professora chama sua atenção, solicita que ele volte a fazer a lição.

Anexo XIII

Relatório de observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 2ª série – E.F. I

Nome da Profª: V.2

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 08.11.04

Horário: 14:05 às 14:55 hs. – 2ª aula

Sala com 17 alunos. Aula de Matemática sobre contas de multiplicação e divisão. Alunos em duplas realizam atividades no livro.

As carteiras estão dispostas uma atrás da outra. Alunos parecem bem à vontade com os pés na cadeira, em posição de yoga, outros virados para trás. Saem do lugar para perguntar à professora sobre os exercícios, mas a professora não dá a resposta, orienta o aluno para pensar, pesquisar.

Um aluno termina primeiro as atividades. Fica esperando a próxima lição quieto. A professora informa que é uma característica dele, ficar quieto esperando os colegas terminarem para iniciar juntos a nova tarefa, não gosta de jogar. Diferente dos outros alunos que ao terminarem, escolhem algum jogo no armário ou desenhavam livremente.

Se a dúvida dos alunos persiste, a professora oferece o material dourado para eles. Comenta que para eles chegarem a realizar as atividades do livro os conceitos são trabalhados primeiramente de maneira concreta e utilizando o material dourado. Percebe-se que embora a professora dê liberdade para as conversas e questionamentos não há indisciplina. Outros alunos pegam o material dourado e levam para suas carteiras para resolverem as contas.

É hora do recreio, os alunos guardam o material, esperam em fila. Nota-se que alguns balançam o corpo o tempo todo, demonstrando impaciência, enquanto esperam os colegas para descerem ao pátio.

Anexo XIV

Relatório de observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 3ª série – E.F. I

Nome da Profª: C.

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 19.10.04

Horário: 14.05 às 14.55 hs. – 2ª aula

A profª V. apresenta-me à profª C. Cumprimentei-a e aos alunos. Ela pergunta onde quero sentar-me. Respondo que prefiro no fundo da sala.

Ela volta a passar os exercícios na lousa e os alunos copiam em seus cadernos. Tem no canto superior esquerdo da lousa a rotina do dia e no direito, a solicitação de uma pesquisa para ser entregue dia 21/10 sobre a formação de suas famílias.

A sala está com as carteiras enfileiradas. Tem 18 alunos na aula.

Os alunos estão em silêncio. Uns levantam para ir à carteira do colega emprestar material, falam baixinho. Estranho essa atitude, devo ter feito uma expressão de indignação, pois a professora informa-me que eles não são assim, estão quietos ao extremo, pois ela sabendo da minha observação pela coordenadora solicitou que eles fossem educados, pois estariam com visita. Dava para notar a diferença no comportamento deles.

A professora comenta: vocês podem emprestar o material que quiserem do colega, mas não se esqueçam de devolver em seguida.

Um aluno pede para ir ao banheiro e ela autoriza. Outro pede para beber água e também é autorizado.

Depois que termina de passar o desafio (como a professora chama a atividade) na lousa, passa de carteira em carteira para verificar se eles estão copiando corretamente. Chama a atenção dos alunos, ora porque não pularam as linhas para a resolução dos exercícios, ora para melhorar a letra.

Pergunto se ela tem a preocupação com a caligrafia do aluno. Disse que sim e que ao notar que os alunos estavam escrevendo muito ilegível, comentou com os pais na primeira reunião e informou que iria adotar caderno de caligrafia. A letra deles melhorou sensivelmente, segundo ela.

Vários alunos levantam de suas cadeiras para perguntar se estão fazendo os exercícios corretamente. Se o aluno não lembra de como fazer, ela não dá a resposta do exercício, faz o aluno pensar sobre a resposta, pois é aula de revisão, ou então solicita que ele busque em seu caderno a explicação. Eles já haviam inclusive feito prova sobre os conceitos. As questões referem-se a números decimais e frações.

Um aluno não consegue lembrar de como faz divisão de frações e os próprios colegas ensinam, mesmo assim ele não consegue fazer o exercício e a professora então coloca na lousa, explicando: divide pelo de baixo e multiplica pelo de cima.

Enquanto os alunos fazem os exercícios, ela corrige as lições daqueles que faltaram na aula anterior.

A próxima aula (3ª) será no laboratório de Inglês. Solicita que os alunos guardem o material, levem-no para a outra sala, pois já sairiam para o intervalo.

Formam fila no corredor, têm que se manter nas laterais da parede para deixar a passagem central livre para circulação.

Acompanho-os até o laboratório. Sou apresentada à prof^a. de Inglês, e ao ser colocado sobre o objetivo de minha observação ela comenta que na sua aula, utiliza muito expressão corporal. Informo-a que estarei fazendo observação em sua sala em outra ocasião.

No laboratório de Inglês, tem TV, vídeo, aparelho de som, mesas redondas, quadradas, retangulares com 4 a 6 cadeiras para possibilitar o trabalho em grupo.

Obs. Pergunto para a prof. C. se seus alunos fazem a leitura corporal, ou seja, percebem que ela não está bem ao observar alguma mudança em seu semblante. Ela conta que um dia, chegou na aula muito cansada e não comentou nada com os alunos, alguns vieram junto à ela, perguntaram se ela estava triste, ela respondeu que não, que estava apenas cansada.

Ao questionar se ela faz a leitura corporal ao interagir com seu aluno. Respondeu que sim e que pelo simples fato de tocá-lo, fazer um carinho, passar a mão na cabeça, mesmo sem perguntar nada, percebe que o aluno melhora seu comportamento.

Anexo XV

Relatório de observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 3ª série – E.F. I

Nome da Profª: L.2

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 09.11.04

Horário: 14.55 às 15.20 hs. – (parte) 3ª aula

A sala está com 20 alunos. A professora faz revisão das classes gramaticais. As carteiras enfileiradas, os alunos sentados à vontade, uns com a postura correta (ereto, encostados à carteira, pés apoiados no chão) outros com os pés em cima da cadeira, outros em pé ao lado da cadeira.

Fazem perguntas à vontade e a professora, embora seja uma aula de revisão não dá a resposta para o aluno, incentiva-o a pensar, buscar a informação com o colega, no dicionário, com o material das aulas anteriores. Esses alunos, segundo a professora freqüentam a escola desde o maternal.

A professora informa ainda que, na primeira semana de aula é feita uma sondagem para verificar a questão corporal. Essas atividades são preparadas com o auxílio da profª. de Educação Física S.2, formada em Psicomotricidade. São atividades com toques, os alunos ficam sentados em círculo, utilizando muito o lúdico.

A professora teve que se ausentar da sala e os alunos continuam com o mesmo comportamento, concentrados na atividade. Retornando à sala circula entre os alunos para verificar se estão fazendo os exercícios corretamente. Um aluno termina a atividade programada e solicita a professora outra atividade, ela sugere leitura dos livros que estão no armário da sala, desenho ou jogos.

A próxima aula será no laboratório de Inglês. A professora solicita que eles peguem o material para a aula. Eles levaram livros da biblioteca para lerem em casa. A professora

solicita que eles coloquem os livros em cima da carteira que depois ela recolherá para devolvê-los à biblioteca.

Obs. Duas alunas observam quando eu faço alguma anotação no caderno, comentam baixinho entre elas, mas não fazem perguntas.

Anexo XVI

Relatório de Observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 4ª série – E.F.I

Nome da Profª: V.

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 19.10.04

Horário da Observação: 13.15 às 14.05 hs. –1ª aula

A aula já havia começado quando a coordenadora N. chamou o professor para fora da sala, apresenta-me, colocando que eu estava lá para fazer uma observação sobre a linguagem corporal, que era tema da minha dissertação de Mestrado. Em seguida apresenta-me aos alunos, colocando que eu também era professora e que iria assistir a aula. Fiz uma brincadeira com eles dizendo: - E aí pessoal, vocês deixam eu assistir a aula do profº M.? Eles respondem em coro: - Sim. Continuo: - Bom, como sou grande vou sentar-me no fundo da sala, tudo bem? Em coro novamente: - Tudo bem.

Dirijo-me para o fundo da sala, coloco meu caderno de anotações em cima da carteira. Os alunos parecem não se incomodar com minha presença, pois voltam a prestar atenção no professor. Eles estão sentados em suas carteiras, uns com os pés sobre a cadeira, outros sentados de maneira descontraída, com o corpo largado na cadeira. Alguns alunos sentam-se ao lado dos colegas, pois não haviam trazido o livro para a aula. Noto que um deles não tem a mão esquerda.

Na sala de aula há 24 alunos. As carteiras enfileiradas. Na lousa consta do lado direito no alto, a programação do dia, ou seja, as aulas que terão no período, 5 ao todo. O nome do professor e a palavra ELOGIO vêm em destaque no canto esquerdo. A aula programada é sobre drogas, um programa do PROERD - Programa de Resistência às Drogas e à Violência, oferecido pela Polícia Militar, ministrada pelo soldado M.F.

O soldado fala em tom firme, pega uma caixa de papelão preta que está em cima da mesa, balança-a, os alunos batem com as mãos na carteira fazendo muito barulho. Tira um

papelzinho de dentro onde consta a pergunta: O que são drogas injetáveis? Ele explica que são as drogas utilizadas como uma injeção e aplicada na veia, não somente no braço, mas em qualquer lugar do corpo que tenha veia. Um aluno levanta a mão e ele não dá a palavra. Noto que ele fica um pouco desconcertado com minha presença, pois toda vez que anoto algo no caderno ele olha em minha direção. Ele gesticula muito quando faz suas colocações, anda de um lado para outro, brinca com os alunos, utiliza muito as expressões faciais e corporais. Consegue assim prender mais a atenção dos alunos.

Solicita que os alunos abram o livro na lição do dia e ele vai ditando a definição da palavra auto-estima. Os alunos vão escrevendo à medida que ele fala pausadamente. Depois dita o significado de estar seguro.

Pergunta aos alunos se eles gostam de receber elogios, eles dizem que sim, comenta que o elogio aumenta a nossa auto-estima.

Escreve na lousa, nos cantos extremos, dois horários, 7:00 hs. e 18:00 hs. Vai contando a história do Joãozinho na rotina de um dia na sua vida. Ao falar que Joãozinho recebe uma bronca, pergunta para os alunos se a auto-estima dele aumenta ou diminui, os alunos respondem que diminui. Ele desenha um traço para baixo no percurso entre os horários que colocou na lousa. Se é elogio os alunos respondem que aumenta e ele direciona o risco para cima.

Enquanto ele conta a história um aluno vira para trás para fazer um comentário com seu colega, e o professor chama a atenção dele: Vamos fazer um combinado? (Mas não explicou qual combinado). O aluno fica quieto. O mesmo aluno em outra colocação do professor menciona fazer outro comentário com o colega, o professor olha para ele e o repreende: - Vira para a frente, senta direito. Outros alunos também estão sentados de lado nas carteiras dos cantos. O aluno que foi repreendido olha para trás e constata o fato, expressa uma ar de indignação, mas fica em seu lugar, vira para a frente começa a clicar a caneta em sinal de descontentamento. O professor percebe, vira para ele e o repreende novamente: - Olha, você está atrapalhando a minha aula. O aluno para imediatamente de clicar a caneta.

No final da aula o soldado M. solicita que os alunos façam uma lição do livro. Cada aluno anota seu nome no seu livro no lugar determinado. Farão um rodízio de livros e eles escreverão um elogio para o colega dono do livro que ficará na sua mão e assim sucessivamente até que cada livro retorne ao seu respectivo dono. No final, o professor lê o que os alunos escreveram sobre os colegas. Termina sua aula, se despede, comenta que voltará na próxima semana.

A Profª V. informa que o PROERD é um programa de 3 meses de aula. O soldado vem uma vez por semana. Trata-se de um trabalho de prevenção contra as drogas, esclarecendo de maneira lúdica quais são as drogas, os efeitos que elas causam na tentativa de conscientização dos alunos. É uma parceria que tem dado resultado positivo. Os alunos participam muito da aula e os pais apóiam a iniciativa da escola.

Obs. Enquanto os alunos fazem a tarefa solicitada pelo soldado, converso com a Profª V., responsável pela sala de aula, sobre se ela percebe a linguagem corporal do aluno, ela responde que sempre percebe e faz a leitura corporal com seus alunos. Percebe quando o aluno não está bem já quando ela entra na sala. Normalmente aproxima-se dele, toca-o, outras vezes pergunta o que houve e o aluno comenta o problema, melhora seu astral, muda sua postura, embotada anteriormente. Depois disso a aula transcorre normalmente.

Achou muito interessante minha pesquisa, pois considera as expressões corporais importantes na relação com as pessoas e principalmente com os alunos.

Ela dá aula de Prática de Ensino para o curso de Pedagogia na Faculdade Oswaldo Cruz e utiliza muito a linguagem corporal nas suas atividades e orienta suas alunas para treinar a percepção dessa linguagem corporal com seus futuros alunos. Propôs-se a trazer-me o material que utiliza em sala de aula em outra ocasião.

Pergunto se ela fez algum curso para adquirir essa postura, ela comenta que curso específico não, mas a própria vivência e a sua crença de que o corpo fala muita coisa para nós, ela foi desenvolvendo sua didática, refinando sua observação e orientando suas alunas do curso de Pedagogia.

Anexo XVII

Relatório de Observação

Nome do observador: Filomena

Nome da Escola: Colégio Penha de França

Série observada: 4ª série – E.F. I

Nome da Profª: S.

Local da observação: Sala de aula

Data da observação: 09.11.04

Horário: 15:20 às 15.55 hs. – 3ª aula (parte)

A professora realiza revisão de porcentagem. A coordenadora N. apresenta-me à sala como professora de faculdade e que estarei fazendo um trabalho no Colégio que consta em observar os alunos durante as aulas.

Alguns alunos com boné, circulam pela sala trocando materiais. A professora não repreende, passa lição na lousa. Noto duas alunas no fundo da sala sentadas separadas do restante. A professora informa que elas conversam muito e escolheram sentar lá para não atrapalhar os colegas.

Enquanto os alunos copiam os exercícios da lousa a professora passa pelas carteiras verificando a letra dos alunos que segundo ela, em alguns casos é ilegível.

Na sala de aula, a fileira de carteiras próxima à porta está vazia, a professora informa que os alunos preferiram assim por causa da claridade, não conseguem enxergar na lousa.

Quando alguns alunos conversam a professora vira-se para eles e comenta: - Olha o nosso combinado. Indago-a sobre esse combinado, ela informa que vez ou outra precisa combinar com os alunos algumas regras para manter a disciplina, despertar a responsabilidade, cumprir com as obrigações, preparando-os para a 5ª série, onde terão que copiar e fazer as lições mais rapidamente pois haverá troca de professores a cada aula (50 minutos) e eles tem que ser rápidos e para isso precisam prestar atenção e se concentrarem na aula. Hoje o combinado era para eles prestarem atenção na aula, fazerem as atividades para irem ensaiar na última aula. (ensaio para a apresentação da aula de Inglês ou do PROERD, na festa de encerramento do ano letivo)

A professora informa que embora a característica desta sala é agitada, os alunos produzem. Fazem as atividades propostas, têm um bom desempenho.

A atividade do dia é de matemática. À medida que a professora passa a lição na lousa pergunta aos alunos o que é comprar a prazo. Os alunos respondem o que sabem e a professora comenta qual aluno aproximou-se da resposta correta.

A aula é interrompida pela coordenadora. Ela solicita que algumas alunas vão experimentar a roupa do ballet.

No final da aula a professora faz a chamada pelo nome dos alunos.

Anexo XVIII

I Questionário sobre linguagem corporal

Modelo – Teste 1

Nome:

Escola que trabalha:

Série que leciona:

1- Você acha que o corpo tem uma linguagem?

2- Você percebe essa linguagem em sala de aula?

3- Você percebe o corpo do aluno em sala de aula?

4- Você observa as atitudes corporais em sala de aula? Quais?

5- Você acha importante refletir sobre essas atitudes? Por quê?

6- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica?

7- Como isso poderia ser feito?

Anexo XIX

II Questionário sobre linguagem corporal

Modelo - Teste 2

Nome:

Formação:

Quanto tempo de formada:

Escola que trabalha:

Escola pública ou particular?

Há quanto tempo?

Série que leciona:

1- O que você entende por linguagem corporal?

2- Você acha que o corpo tem uma linguagem? Qual?

3- Você percebe essa linguagem corporal em sala de aula? Como?

4- Você acha importante refletir sobre essa linguagem corporal? Por quê?

5- É possível lidar em sala de aula com a linguagem corporal do aluno, no sentido de utilizá-la na relação pedagógica? De que maneira?

6- O que você sugere para se trabalhar a linguagem corporal na relação pedagógica?

7- Você considera que a leitura dessa linguagem corporal pode contribuir para melhorar a aprendizagem desse aluno? Como isso poderia ser feito?

8- Você utiliza a linguagem corporal na sua prática? Como?

Anexo XX**UNINOVE***Centro Universitário Nove de Julho*

São Paulo, 17 de novembro de 2004

Ao Colégio Penha de França
A/C Direção

Prezado(a) Diretor(a),

Solicito permissão para a mestranda Filomena de Carlo Salerno, regularmente matriculada nessa instituição, desenvolver a pesquisa de observação em sala de aula da linguagem corporal dos alunos de 1ª a 4ª série. Essa pesquisa é de grande importância para a dissertação que a referida aluna desenvolve em nosso Programa Acadêmico.

Agradecendo a colaboração

Atenciosamente,



Prof. Dra. Cleide Rita S. de Almeida
Diretora do Programa de Mestrado em Educação

CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO
Av. Francisco Matarazzo, 612 – Água Branca
São Paulo – SP
CEP: 05001-100